

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

“Thus says YHWH: I have anointed you king over Israel” (2 Kings 9,3): The narrative of Jehu's anointing by the young prophet (2 Kings 9,1-13) as a legitimizing tool for Jehu's actions and the Nimshid dynasty in Israel in the 8th century BCE.

Matheus da Silva Carmo¹

RESUMO

De acordo com 2 Rs 9,1-13, o general Jeú foi ungido rei de Israel por YHWH através de um jovem profeta comissionado por Eliseu. Essa unção não visava apenas estabelecer Jeú como novo rei e fundador de uma nova dinastia, mas também trazer o juízo divino sobre Acab e sua família. A análise cuidadosa desse texto revela uma representação extremamente positiva de Jeú, destacando sua ligação direta com YHWH. Neste trabalho, propomos a hipótese de que o texto foi escrito no século VIII AEC, durante o reinado de Jeroboão II em Israel como um texto propagandístico e apologético em prol a dinastia nimshida de Israel. O objetivo seria exaltar Jeú, o fundador da dinastia à qual Jeroboão II pertencia, e, por extensão, enaltecer o próprio Jeroboão II e sua casa dinástica.

Palavras-chave: Jeú; Israel; YHWH; Jeroboão II; Dinastia Nimshida.

ABSTRACT

According to 2 Kings 9,1-13, General Jehu was anointed king of Israel by YHWH through a young prophet commissioned by Elisha. This anointing was not only intended to establish Jehu as the new king and founder of a new dynasty but also to bring divine judgment upon Ahab and his family. A careful analysis of this text reveals an extremely positive portrayal of Jehu, highlighting his direct connection with YHWH. In this paper, we propose the hypothesis that the text was written in the 8th century BCE, during the reign of Jeroboam II in Israel, as a propagandistic and apologetic text in favor of the Nimshid dynasty of Israel. The aim would be to exalt Jehu, the founder of the dynasty to which Jeroboam II belonged, and by extension, to praise Jeroboam II himself and his dynastic house.

Keywords: Jehu; Israel; YHWH; Jeroboam II; Nimshid dynasty.

¹Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: mateuscarmo.ms@gmail.com

Introdução

Em uma abordagem histórica da Bíblia Hebraica, é essencial considerar o contexto histórico, religioso, social e político em que cada texto foi produzido. Isso permite ao pesquisador compreender profundamente os elementos históricos, ideológicos e teológicos que influenciaram a criação do texto. Como alguns estudiosos destacam, “nenhum texto da Bíblia Hebraica pode ser separado de seus contextos sociais e formas literárias sem uma perda irreparável tanto de seu significado original quanto de sua capacidade de falar de forma significativa para nós” (Gottwald, 1988, p. 421). Portanto, é crucial levar em conta o contexto histórico da produção do texto, pois a compreensão do 'tempo da narrativa' oferece uma perspectiva importante para entender os diversos pressupostos presentes na narrativa analisada.

Nesse contexto, este trabalho analisa 2 Reis 9,1-13, que narra a unção de Jeú como rei de Israel por um jovem profeta instruído por Eliseu. A leitura do texto sugere que o autor desejava transmitir que Jeú não apenas se tornaria rei de Israel, mas seria também um instrumento de YHWH para punir os omridas, especialmente a casa de Acab, por seus crimes contra os profetas e servos de YHWH. Há uma clara associação entre Jeú e YHWH em 2 Reis 9,1-13, onde Jeú, por meio da unção, recebe a marca indelével do chamado divino, tornando-se um instrumento nas mãos de YHWH.

No entanto, ao contrário da narrativa de 2 Reis 9,1-13, o golpe de Jeú visava historicamente a derrubada dos omridas, especialmente com o apoio de Hazael de Damasco, para enfraquecer os seus rivais omridas. Jeú fundou a dinastia nimshida – nomeada após o seu avô, Nimshi, patriarca de uma família influente no vale de Jezreel – que, ao contrário dos omridas, se alinhou como uma casa dinástica submissa aos arameus. Essa submissão durou até o reinado de Jeroboão II, que reverteu a subserviência de Israel aos arameus e restaurou a força e influência do reino.

Ao comparar as informações de 2 Reis 9,1-13 com dados históricos sobre a dinastia nimshida, notam-se diferenças significativas. Enquanto a narrativa bíblica exalta aspectos sobrenaturais atribuídos a YHWH e feitos heroicos atribuídos a Jeú, os registros históricos mostram que a traição de Jeú, com o apoio de Hazael, resultou no enfraquecimento de Israel diante dos arameus. Isso ocorre porque 2 Reis 9,1-13 é uma passagem profundamente ideológica, destinada a construir uma imagem positiva de Jeú. Esse objetivo é fundamentado em bases históricas e teológicas claras, especialmente considerando que, como veremos neste artigo, provavelmente 2 Reis 9,1-13 reflete a propaganda nimshida do período de Jeroboão II, usando a figura de Jeú, fundador da dinastia à qual Jeroboão II pertencia, para legitimar e exaltar a sua própria casa real contra desafios à sua legitimidade. Ao analisar essa passagem no seu contexto de produção, torna-se evidente o propósito nimshida de elevação, como demonstraremos ao longo deste trabalho.

A nossa metodologia de análise textual baseia-se na crítica textual dos textos hebraicos originais e numa estreita correlação entre o texto e o seu contexto histórico de produção. Acreditamos que essa abordagem nos permite entender melhor os fatores históricos que influenciaram a criação do texto em estudo. Além disso, ao longo do nosso trabalho, empregamos uma abordagem dinâmica que busca compreender a lógica narrativa interna do texto.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

1. Tradução literal segmentada e Análise textual de 2 Rs 9,1-13

1.1 Tradução literal segmentada

Hebraico		Português ²
וְאֵלֵי־שָׁעַ הַנְּבִיא קָרָא לְאַחַד מִבְּנֵי הַנְּבִיאִים	(1a)	E Eliseu, o profeta, chamou a um dentre os filhos dos profetas
וַיֹּאמֶר לוֹ	(1b)	e disse para ele:
חַגֹּר מִתְּנִיחַ	(1c)	“cinge teus lombos
וְקַח פֶּהַּ שֵׁשֶׁם הַזֶּה בְּיָדְךָ	(1d)	e toma um frasco de azeite, o este em tua mão,
וְלֵךְ רָמֹת גִּלְעָד:	(1e)	e vai [a] Ramot-Gilead.
וּבָאתָ שָׁמָּה	(2a)	E entrarás para lá
וְרָאֵה־שֵׁם יְהוּא בֶן־יְהוֹשָׁפָט בֶּן־נִמְשִׁי	(2b)	e procura lá Jeú, filho de Josafá, filho de Nímsi;
וּבָאתָ	(2c)	e entrarás
וְהִקַּמְתָּ מִתּוֹךְ אָחָיו	(2d)	e farás levantar a ele de meio de seus irmãos
וְהִבִּיאָתָּ אִתּוֹ תְּדָר בְּתְדָר:	(2e)	e farás entrar lhe de aposento em aposento.
וְלִקַּחְתָּ פֶהַּ־הַשֵּׁמֶן	(3a)	E pegarás o frasco de azeite
וְנִצַּקְתָּ עַל־רֹאשׁוֹ	(3b)	e derramarás sobre sua cabeça
וְאָמַרְתָּ כֹּה־אָמַר יְהוָה מְשַׁחְתִּיךָ לְמֶלֶךְ אֶל־יִשְׂרָאֵל	(3c)	e dirás: Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel.
וּפְתַחְתָּ הַדֶּלֶת וּנְסַתָּה	(3e)	E abrirás a porta e fugirás
וְלֹא תַחְסֶּה:	(3f)	e não esperarás.”
וַיִּלְךְ הַנְּעֵר הַנְּעֵר הַנְּבִיא רָמֹת גִּלְעָד:	(4)	E foi o juveníssimo ³ o profeta, [a] Ramot-Gilead.
וַיָּבֹא וְהָיָה שָׁרֵי הַחַיִּל יְשֻׁבִים	(5a)	E entrou, e eis que uns chefes de o exército os que [estavam] situados;
וַיֹּאמֶר דְּבַר לִי אֵלֶיךָ הַשָּׂר	(5b)	e disse: “palavra de mim para ti, ó chefe!”
וַיֹּאמֶר יְהוּא אֵלֶי־מִי מִכָּלֵנוּ	(5c)	E disse Jeú: “a quem de todos nós?”
וַיֹּאמֶר אֵלֶיךָ הַשָּׂר:	(6a)	E disse: “a ti, ó chefe!”
וַיִּקַּם וַיָּבֹא הַבַּיְתָּה	(6b)	E levantou-se e entrou para a casa,
וַיִּצַק הַשֵּׁמֶן אֶל־רֹאשׁוֹ	(6c)	e derramou o azeite sobre sua cabeça;

² As traduções dos textos hebraicos neste trabalho são feitas pelo autor. Os textos hebraicos deste artigo foram extraídos da Bíblia Hebraica Stuttgartensia editada por Elliger e Rudolph (1990). Com o propósito de permitir uma análise que considere não apenas a informação básica dos textos, mas também as nuances resultantes das características da língua e das estruturas empregadas em sua escrita, decidimos realizar traduções que se aproximem o máximo possível da estrutura original, mesmo que isso ocasionalmente resulte em certa discrepância com as construções mais comuns do português.

³ No original hebraico, encontramos um superlativo formado por dois adjetivos precedidos por artigos definidos e sucedidos por um substantivo: הַנְּעֵר הַנְּעֵר הַנְּבִיא. Para preservar o conceito hebraico de superlativo, a melhor tradução para o português seria “o juveníssimo profeta”, indicando que o profeta escolhido por Eliseu era de fato muito jovem. No entanto, por motivos didáticos, optaremos por traduzir הַנְּעֵר הַנְּעֵר הַנְּבִיא como “jovem profeta” ao longo deste artigo.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

וַיֹּאמֶר לֹא כֹה־אָמַר יְהוָה אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל	(6e)	e disse para ele: “Assim disse YHWH deus de Israel:
מִשְׁחַתִּיךָ לְמַלְכוֹתְךָ אֶל־יִשְׂרָאֵל:	(6f)	Eu ungi-te para rei sobre [o] povo de YHWH, sobre Israel.
וְהִפִּיתָה אֶת־בַּיִת אַחְזָב אֲדֹנָיִךָ	(7a)	Farás ferir a casa de Acab teus senhores,
וְנִקְמָתִי דָמַי וְעַבְדֵי הַנְּבִיאִים	(7b)	e vingarei [os] sangues de meus servos, os profetas
וְדָמַי כָּל־עַבְדֵי יְהוָה מִיַּד אִיזָבֵל:	(7c)	e os sangues de todos os servos de YHWH de mão de Jezabel.
וְאָבַד כָּל־בַּיִת אַחְזָב	(8a)	E perecerá toda casa de Acab
וְהִכְרַתִּי לְאַחְזָב מִשְׁתִּין בְּקִיר	(8b)	e farei extirpar de Acab o que urina em parede
וְעֶצוֹר וְעִזּוֹב בְּיִשְׂרָאֵל:	(8c)	e o que [está] detido e o que [está] deixado em Israel.
וְנָמַסְתִּי אֶת־בַּיִת אַחְזָב	(9a)	E darei [a] casa de Acab
כְּבַיִת יִרְבֵּעַם בֶּן־נָבָט	(9b)	Conforme [a] casa de Jeroboão, filho de Nabat
וְכַבַּיִת בַּעֲשָׂא בֶן־אֲחִיהָ:	(9c)	e conforme [a] casa de Baasa, filho de Aías.
וְאֶת־אִיזָבֵל	(10a)	E [a] Jezabel,
יֹאכְלוּ הַכְּלָבִים	(10b)	Comerão os cães
בְּחַלְקֵי יִזְרְעָאֵל	(10c)	Em campo de Jezrael,
וְאִין קִבְרָה	(10d)	e não haverá o que enterra.”
וַיִּפְתַּח הַדֶּלֶת	(10e)	E abriu a porta
וַיִּנְס:	(10f)	E fugiu.
וַיְהִי וַיֵּצֵא אֶל־עַבְדֵי אֲדֹנָיו	(11a)	E Jeú saiu em direção aos servos de seu senhor
וַיֹּאמֶר לוֹ הַשְּׁלוֹם	(11b)	e disse a ele: “Por acaso, paz?”
מִדְּוַע בָּא־הַמְשַׁגֵּעַ הַזֶּה אֵלַיִךְ	(11c)	Por que entrou o que [está] louco em direção a tí?”
וַיֹּאמֶר אֲלֵיהֶם אַתֶּם יֹדְעִתֶם אֶת־הָאִישׁ וְאֶת־שִׂיחָו:	(11d)	E disse para eles: “Vós conheceis o homem e seu cochicho.”
וַיֹּאמְרוּ שֶׁקֶר	(12a)	E disseram: “Mentira!
הַגִּד־נָא לָנוּ	(12b)	Faça contar, por favor, para nós.”
וַיֹּאמֶר כְּזָאת וְכִזֹּאת	(12c)	E disse: “conforme este e conforme este,
אָמַר אֵלַי לְאֹמֶר כֹּה אָמַר יְהוָה	(12d)	falou para mim dizendo: Assim disse YHWH:
מִשְׁחַתִּיךָ לְמַלְכוֹתְךָ אֶל־יִשְׂרָאֵל:	(12e)	Eu ungi-te para rei sobre Israel.”
וַיִּמְהָרוּ	(13a)	E apressaram-se muito,
וַיִּקְחוּ אִישׁ בְּגָדוֹ	(13b)	E tomaram cada um seu traje
וַיִּשְׂמוּ מִתַּחַי אֶל־גִּרְם הַמַּעֲלֹת	(13c)	e puseram debaixo dele, sobre osso de degraus,
וַיִּתְקְעוּ בַשּׁוֹפָר	(13e)	e tocaram na trombeta
וַיֹּאמְרוּ מַלְכָּה יְהוּא:	(13f)	E disseram: “reina Jeú.”

2. Análise textual

Ao analisarmos o livro de 2 Reis na totalidade, observamos que 2 Rs 9,1-13 está inserido no contexto mais amplo da descrição deuteronomista sobre a história monárquica de Israel e Judá e os ciclos proféticos de Elias e Eliseu. Esses temas se interconectam na redação atual de 2 Rs 9,1-13, onde o apontamento profético de Eliseu para ungir Jeú ocorre dentro do bloco narrativo que descreve o reinado de Jorão de Israel. Após descrever os feitos negativos da dinastia omrida, o autor bíblico narra a unção de Jeú como novo rei de Israel, יהוא /Jeú, por um jovem profeta enviado por Eliseu. Este jovem profeta vai até Ramot-Gilead, onde há um conflito entre israelitas e arameus. Jeú, um צָר /chefe do exército israelita, é ungido como rei e proclamado monarca por seus companheiros.

Diferentemente de outros reis de Israel e Judá, o reinado de Jeú não começa com uma introdução sobre o seu reinado, pois ele usurpa o trono ao derrubar a dinastia omrida. Em vez disso, a narrativa justifica e respalda a ação de Jeú pela divindade através da unção profética. Segundo o texto bíblico, a missão de Jeú não era apenas acabar com a dinastia omrida, mas também trazer o juízo divino sobre os seus feitos considerados maléficos: “[Jeú] é escolhido por YHWH tanto para governar quanto para punir os acabeus [omridas]. A unção de Jeú foi comissionada por YHWH (1 Rs 19:16) e o designou como rei sobre Israel (2 Rs 9:6), portanto, isso constitui a sua eleição divina” (Lamb, 2007, p. 58, tradução nossa)⁴. É importante notar que o texto enfatiza que a missão régia de Jeú é dada por YHWH, por intermédio de um profeta, estabelecendo um elo direto entre Jeú e a divindade por meio da ação profética: “O oráculo entregue deixa claro que Deus (primeira pessoa) está realmente realizando a unção. Jeú será rei de Israel como “o povo de YHWH”, um termo sagrado que indica o propósito reformador de Jeú e implica que Israel se tornou algo diferente disso sob os omridas” (Nelson, 2012, p. 199, tradução nossa)⁵. Então, sendo Jeú um agente direto de YHWH, ungido pelo seu profeta, ele poderia recuperar o título de Israel como “povo de YHWH”, perdido durante a dinastia omrida devido à sua disposição para com Baal. Isso demonstra uma predisposição do deuteronomista e do autor da narrativa a favor de Jeú e uma animosidade em relação aos omridas, pressupostos presentes em 2 Rs 9,1-13.

Passaremos agora para a análise textual de 2 Rs 9,1-13, dividindo a narrativa em três blocos, cada um abordado numa subseção. No primeiro bloco (2 Rs 9,1-4), falaremos sobre a instrução dada por Eliseu ao jovem profeta para ungir Jeú como rei de Israel e o anúncio que Eliseu ordenou que fosse comunicado a Jeú. No segundo bloco (2 Rs 9,5-9), abordaremos a unção de Jeú pelo jovem profeta e a diferença entre o anúncio sugerido por Eliseu e o que foi efetivamente comunicado a Jeú. Por fim, no terceiro bloco (2 Rs 9,10-13), trataremos da proclamação de Jeú como rei pelos seus companheiros, demonstrando que uma das principais bases de apoio ao golpe empreendido por Jeú foram os militares israelitas.

⁴ “[Jehu] is chosen by YHWH both to rule and to punish the Ahabites [Omrides]. Jehu's anointing was commissioned by YHWH (1 Kings 19:16) and designated him as king over Israel (2 Kings 9:6), thus constituting his divine election”.

⁵ “The delivered oracle makes it clear that God (in the first person) is indeed performing the anointing. Jehu will be king of Israel as 'the people of YHWH,' a sacred term that signifies Jehu's reformative purpose and implies that Israel had become something different under the Omrides”.

2.1. Ordenanças de Eliseu ao jovem profeta (2 Rs 9, 1-4)

2 Rs 9,1-4 tem um forte teor profético, tema esse que será central ao longo da narrativa. 1a se inicia com um waw consecutivo sucedido por um nome pessoal, seguido de um artigo definido e um substantivo: **וְאֵלִישָׁע הַנָּבִיא** /E Eliseu, o profeta, que sinaliza a introdução de um novo enredo preocupado com a derrubada da casa de Onri por Jeú. (Sweeney, 2012, p. 544). Deixamos a descrição anterior sobre o rei Ocozias de Judá (2 Rs 8,25-29) e somos introduzidos a uma nova narrativa, cujo foco é a unção de Jeú como rei de Israel. Ademais, tendo o autor denominado Eliseu como “o profeta” – nas cinquenta e oito vezes em que ele é chamado pelo nome na história, apenas duas vezes a denominação vem logo depois do nome (2 Reis 6,12; 9,1) – seu objetivo era dar foco à atividade profética de Eliseu⁶.

Outro ponto que deve ser destacado é que nesta passagem, Eliseu desempenha papéis distintos dos que assume nas demais narrativas do ciclo de Eliseu, e a referência a ele como **אֵלִישָׁע הַנָּבִיא**/o profeta também pode ser interpretada como uma forma de diferenciar a narrativa de Jeú dos outros relatos sobre Eliseu: “Somente nesta ocasião, Eliseu não tem visões nem realiza milagres ou outros rituais, o que o coloca em uma função narrativa completamente diferente das outras histórias sobre ele”(Robker, 2012,p. 37, tradução nossa)⁷. A função de Eliseu na perícopa é apenas induzir ao jovem profeta que efetue a unção de Jeú. Eliseu e Jeú não se encontram pessoalmente na narrativa bíblica. Com base nisso, é possível supor que os primeiros versículos (1-4) servem de introdução para os acontecimentos que se sucederão e, possivelmente, “o presente episódio serve apenas como um elo literário que une as distintas tradições de Eliseu com uma narrativa discreta sobre a vida de Jeú e a sua revolta” (Sweeney, 2012, p. 546, tradução nossa)⁸. Essa tentativa de criação de um elo entre a lenda profética de Eliseu e a narrativa da unção de Jeú pode ter servido como forma de reforçar ainda mais a legitimação divina das ações golpistas de Jeú contra os omridas, que apenas serão mencionados na subseção seguinte.

Ainda o texto nos informa que Eliseu chamou **בְּנֵי הַנָּבִיאִים**/ um dentre os filhos dos profetas. O termo **בְּנֵי הַנָּבִיאִים** aparece outras vezes no livro de 2 Reis: (2 Reis 2,3,5,7,15; 4,1,38;5,22;6,1), e está ligado as tradições proféticas setentrionais, e em todas as ocorrências do termo, ele está associado a Eliseu. Nas línguas semíticas, a expressão “filho de” ou “filhos de” expressam a pertença de indivíduos a um grupo específico. Desse modo, termo **בְּנֵי הַנָּבִיאִים** não

⁶ Durante o ciclo profético de Elias, há uma menção a Jeú, onde a divindade instrui Elias a ungir Jeú como rei de Israel. Embora não seja Elias quem realiza a unção, mas sim um jovem profeta instruído por Eliseu, essa passagem possui um forte caráter ideológico: **וְאֵת יְהוּא בֶן-נִמְשִׁי תִמְשַׁח לְמֶלֶךְ עַל-יִשְׂרָאֵל וְאֶת-אֵלִישָׁע בֶן-שַׁפַּט מֵאֲבֵל מְחֹלָה תִמְשַׁח לְנָבִיא** /E Jeú, filho de Nimsi tu ungarás para rei sobre Israel; e Eliseu filho de Safat de Abel Meolá tu ungarás para profeta em lugar de ti (1Reis 19,16). Ela expressa de forma categórica, algo que 2 Reis 9,1-13 não faz explicitamente, mas implicitamente: a vontade divina de que Jeú fosse rei de Israel, já que YHWH comunica sua vontade diretamente a Elias. Somado a isso, o fato da unção de Jeú envolver três gerações proféticas distintas- Elias, que primeiramente recebeu a mensagem a respeito do desejo da divindade em ungir Jeú, Eliseu, que instruiu o jovem profeta, e o jovem profeta, possivelmente um discípulo de Eliseu que levou a cabo a ordenança de seu “mestre” – é uma forma da narrativa enfatizar o status de Jeú como escolhido de YHWH (Lamb, 2007, p.54).

⁷ “Only on this occasion, Elisha neither has visions nor performs miracles or other rituals, placing him in a narrative role completely different from his other stories”.

⁸ “This episode serves merely as a literary link that unites the distinct traditions of Elisha with a discreet narrative about the life of Jehu and his revolt”.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

era usado de forma usual para descrever grupos proféticos de forma aleatória, antes ele refere-se a um grupo profético bem definido (Wilson, 1993). Desta sorte, os **בְּנֵי הַנְּבִיאִים** eram um grupo profético que vivia de forma organizada e estruturada. Não temos informações históricas detalhadas sobre os “filhos dos profetas”, já que estão intimamente ligados a Eliseu, dificultando um estudo mais abrangente da sua atuação em Israel. Conforme a tradição profética associada a Eliseu, ele mantinha contatos frequentes com esses grupos, e segundo 1a, foi deles que surgiu um jovem profeta responsável pela unção de Jeú. No entanto, além de sua afiliação profética, o texto bíblico não nos oferece informações sobre a identidade desse jovem profeta. Para a narrativa, a sua missão parece ter mais importância do que sua própria identidade. Como debatido anteriormente sobre Eliseu, é possível que a referência aos “filhos dos profetas” nesta perícopa também seja uma forma de conectar a tradição de Jeú com a tradição de Eliseu, uma vez que eles não são mais citados ao longo da narrativa.

1c conservou a ordem de Eliseu ao jovem profeta: **הִגֵּר מִתְּנִיף** /cinge teus ombros. Essa expressão também aparece em 1 Rs 4,29 quando Eliseu ordena a Giezi, seu servo, que ele também cingisse os seus lombos. Essa expressão hebraica sugere uma preparação para uma missão específica e especial. Posto isso, ao empregar esse termo, o autor da narrativa queria enfatizar a importância da missão confiada por Eliseu ao jovem profeta.

1d nos diz que, após chamar **הַנְּעֵר הַנְּבִיא** /o jovem profeta, Eliseu instrui que ele pegasse um **פֶּה הַשֶּׁמֶן** /frasco de azeite, e fosse até a região de Ramot-Gilead, onde estava ocorrendo uma batalha entre Israel, liderado pelo rei Jorão, acompanhado do seu vassalo Ocozias de Judá, contra os arameus, liderados pelo rei Hazael (2 Reis 9,14). O termo hebraico **פֶּה הַשֶּׁמֶן** aparece apenas três vezes em toda a Bíblia Hebraica: duas ao longo da perícopa de 2 Reis 9,1-13 e outra na unção de Saul por Samuel (1 Samuel 10,1). Em outras passagens bíblicas, como a unção de Davi por Samuel (1 Samuel 16,13) e a unção de Salomão por Zadoc (1 Reis 1,39), que também narram unções régias, o termo usado é **חֵרֶן הַשֶּׁמֶן** /chifre de azeite. A possível razão para a diferenciação entre os dois termos é o local de onde a tradição narrativa advém. As tradições de unção régia setentrionais (Saul e Jeú) conservam a fórmula **פֶּה הַשֶּׁמֶן**, enquanto as meridionais (Davi e Salomão) utilizam **חֵרֶן הַשֶּׁמֶן**. Ambas fazem menção ao recipiente que contém o azeite com o qual o novo monarca será ungido, traçando nele o sinal da divindade para essa tarefa: “a unção com óleo [azeite] estava intimamente associada à entronização de reis em Israel e parece estar ligada ao reinado do rei, legitimidade e direito de governar - ser o “ungido do Senhor” é ser uma pessoa inviolável e sacrossanta” (Monson; Provan, 2016, p. 335, tradução nossa)⁹. Jeú não era omrida, assim sendo não tinha direito régio para governar em Israel naquele momento. Mas, ao ser ungido pela divindade, ele se tornaria apito a governar em nome de YHWH.

De acordo com 2b, chegando a Ramot-Gilead, o jovem profeta deveria procurar **יְהוּא בֶן-נִמְשִׁי** /Jeú, filho de Josafá, filho de Nimsi. Apesar de já ter sido mencionado em 1 Rs 19,16, Jeú ainda é uma figura pouco conhecida na narrativa dos livros dos Reis até este ponto. Em relação aos seus dados patronímicos, ele é chamado de **בֶּן-יְהוֹשָׁפָט בֶּן-נִמְשִׁי** /filho de Josafá, filho de Nimsi, em 2 Reis 9,2 ;2 Reis 9,14 e 1 Reis 19,16, e de **בֶּן-נִמְשִׁי** /filho de Nimsi, em 2 Reis

⁹ “Anointing with oil was closely associated with the enthronement of kings in Israel and appears to be linked to the reign, legitimacy, and right to govern – being the ‘anointed of the Lord’ signifies being an inviolable and sacrosanct person”.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

9,20. Existem vários debates sobre essas diferentes menções patronímicas, mas parece que o objetivo do autor era destacar a filiação de Jeú a Nimsi, que, como veremos a seguir, era o patriarca de uma importante família de comerciantes de Jezrael. Outro ponto que merece ser apontado é que, se considerarmos como histórica a referência ao nome do pai de Jeú, isso pode ser uma pista de que a sua família era fortemente javista, pois o nome de Jeú significa “Ele é YHWH” e, e do seu pai Josafá significa “YHWH julgará” (Beal, 2005).

Em 2d, Eliseu instrui o jovem profeta a ungir Jeú "de meio dos seus irmãos" (מִתּוֹךְ אֶחָיו). Isso indica que Jeú não possuía uma posição de destaque entre os presentes, mas era um entre iguais. Este detalhe possui um forte sentido teológico, destacando como YHWH escolhe pessoas "desconhecidas" e aparentemente sem vocação para a realeza para exercer o poder régio. Na próxima subseção, trataremos sobre este detalhe de forma mais aprofundada. Em 2e, Eliseu orienta o jovem profeta que a unção de Jeú não deveria ser em público, mas em **בְּתוֹךְ** /apartamento em apartamento. Ou seja, no interior do local onde Jeú se encontrava. O termo hebraico **בְּתוֹךְ** aparece em outras duas ocorrências no livro dos Reis: 1 Reis 20,30 e 1 Reis 22,25. Seu objetivo é denotar o compartimento mais interior de uma casa ou habitação, indicando intimidade ou proteção. A ordem de não ungir o novo monarca em público conecta a unção de Jeú com a de outros reis de Israel. Saul foi ungido por Samuel no anonimato (1 Samuel 10), assim como Davi (1 Samuel 16), apenas Salomão foi ungido em público (1 Reis 1,40). Teologicamente, isso queria evidenciar que a ação de YHWH muitas vezes se dá nos bastidores (Sweeney, 2012). Somado ao motivo teológico, o motivo político para a unção de Jeú ser em segredo está no fato de que esse ato é contrário ao monarca reinante, podendo ser o profeta facilmente acusado de traição por postular ungir outro rei enquanto tem um em exercício.

Na sequência narrativa, 3ab, nos transmite a ordem de Eliseu de que o jovem profeta deveria pegar o frasco de azeite e derramar sobre a cabeça de Jeú. Faremos uma análise mais pormenorizada sobre a unção na subseção seguinte. Depois, de acordo com 3c, o jovem profeta deveria derramar sobre Jeú e dizer: **כֹּה-אָמַר יְהוָה מְשַׁחְתִּיךָ לְמֶלֶךְ אֶל-יִשְׂרָאֵל** / Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel. A princípio, não havia nenhuma outra palavra que o jovem profeta deveria comunicar a Jeú, apenas que YHWH estava o ungindo, o que demonstra que a escolha e o ato da unção partem pessoalmente de YHWH: “Notavelmente, o ato da unção inclui ambas (a) palavras: “Assim diz o Senhor: ‘Eu unjo você’”, e (b) sacramento: “derrame-o sobre a cabeça dele”. A instrução de v. 3 deixa claro que é a própria expressão de YHWH e a própria declaração de YHWH eu que unge. Este ato revolucionário vem de Yahweh” (Brueggemann, 2000, p. 382, tradução nossa)¹⁰.

O verbo hebraico usado para descrever a unção é **מְשַׁחְתִּיךָ** /Eu ungi-te, é um qal perfeito, primeira pessoa do singular com um sufixo pronominal da segunda pessoa singular. Embora o verbo esteja na primeira pessoa, ele não se refere ao profeta que anuncia, mas a YHWH que comanda o profeta. Essa forma verbal aparece na Bíblia Hebraica quatro vezes (2 Samuel 12,7;

¹⁰ “Notably, the act of anointing includes both (a) words: “Thus says the Lord: ‘I anoint you,’” and (b) sacrament: “pour it on his head.” The instruction in v. 3 makes it clear that it is Yahweh’s own expression and Yahweh’s own declaration that anoints. This revolutionary act comes from Yahweh”.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

2 Reis 9,3, 6, 12)¹¹. Ou seja, esse verbo é frequente na passagem que estamos a analisar, mas também aparece em 2 Samuel 12,7, onde Natã diz que YHWH ungiu Davi rei sobre Israel (מְשַׁחְתִּיךָ לְמֶלֶךְ עַל-יִשְׂרָאֵל /Eu ungi-te para rei sobre Israel), expressando assim que o agente principal da unção não é o profeta, mas YHWH, que não apenas unge, mas também escolhe Jeú, tal como fez com Davi. Com isso, percebemos que se tratando da narrativa da unção de Jeú—mas isso também poderia ser aplicado a passagem de Davi— eleição e unção são tidas como sinônimas, visto que uma fundamenta a outra.

Depois da unção, há a instrução em 2 Reis 9,3ef para que o profeta fuja imediatamente sem esperar qualquer reação, pergunta ou comentário de Jeú: וּפְתַחְתָּ הַדָּלַת וְנִסַּחְתָּהּ וְלֹא תִחַקְתָּהּ:/e abrirás a porta e fugirás e não esperarás. Tal ordem se dá porque ungiu um monarca enquanto outro ainda reina é um empreendimento perigoso, podendo ser interpretado como um ato de traição, colocando a vida do profeta em risco. É importante ressaltar que os ditos de Eliseu, ao instruir como deveriam ser as ações do jovem profeta ao chegar até Jeú, emprega verbos no imperativo (חָגַר/ cinge; קַח/ toma; לֵךְ/ vai; רָצָה/ procura), respectivamente: 1c,1d,1e,2b. Dando a narrativa um teor imperativo por parte de Eliseu. Além disso, a tônica imperativa evidencia a autoridade profética de Eliseu e a eleição divina de Jeú, visto que YHWH é quem está por trás da narrativa, instruindo as ações que Eliseu deve transmitir ao jovem profeta.

A princípio, o jovem profeta aceita todas as instruções de Eliseu sem contestar, e sua passividade se expressa na v4: וַיִּגְלֶה הַנְּעִיר הַנְּבִיאַ רָמֹת גִּלְעָד:/E foi jovem o profeta [a] Ramot-Gilead. No entanto, como veremos na subseção seguinte, ele assume o controle da situação e comunica a Jeú, além das palavras sugeridas por Eliseu, declarações de condenação aos omridas, sobretudo aos descendentes de Acab e a Jezabel. Isso demonstra que a missão de Jeú não é apenas ser um instrumento de YHWH para derrubar os omridas, mas também os punir por seus crimes contra Ele.

A análise narrativa desta subseção destaca principalmente o profeta Eliseu como personagem central, orientando o jovem profeta sobre como ungiu Jeú como rei. A narrativa enfatiza a autoridade de Eliseu, evidenciada pelo uso frequente de verbos no imperativo. Além disso, a passagem ressalta a periculosidade da missão, já que o jovem profeta deve ungiu Jeú em segredo e fugir imediatamente após. Observa-se também paralelos entre Jeú e outros reis bíblicos, especialmente Saul e, em certo sentido, Davi. A fórmula da unção régia, prescrita por Eliseu ao jovem profeta, sublinha que YHWH é quem governa a cena, ungiu e escolhendo Jeú como rei de Israel. Um dos principais objetivos de 2 Reis 9,1-4, além de demonstrar a escolha

¹¹ Deve-se considerar que nos quatro versículos acima citados aparece não apenas o verbo מְשַׁחְתִּיךָ, mas também a estrutura frasal לְמֶלֶךְ אֶל-יִשְׂרָאֵל / Eu ungi-te para rei sobre Israel. No entanto, apresentam algumas variações. Em 2 Reis 9, 3.12, a fórmula é idêntica, mas, por exemplo, em 2 Reis 9,6 há uma variação e está da seguinte maneira: מְשַׁחְתִּיךָ לְמֶלֶךְ אֶל-עַם יְהוָה / Eu ungi-te para rei sobre o povo de YHWH, sobre Israel. Ou seja, é acrescentada a fórmula אֶל-עַם יְהוָה para enfatizar que Israel é o povo de YHWH. Na próxima subseção versaremos mais sobre a fórmula presente em 2 Reis 9,6 e possíveis motivos para a variação. Em 2 Samuel 12,7, a variação não está no acréscimo, mas sim na preposição usada antes do nome próprio. Enquanto 2 Reis 9,3, 6, 12 usam a preposição אֶל antes do nome Israel, 2 Samuel 12,7 usa a preposição עַל antes do nome Israel: מְשַׁחְתִּיךָ לְמֶלֶךְ עַל-יִשְׂרָאֵל /Eu ungi-te para rei sobre Israel. Gramaticalmente, אֶל e עַל são equivalentes e podem igualmente significar “sobre”. Um possível motivo para a diferença entre as duas estruturas é que אֶל seja mais comum no hebraico israelita (Rendsburg, 2002, p. 32-33), o que indica a procedência israelita da perícope de 2 Reis 9,1-13.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

de YHWH por Jeú, é conectar a tradição de Jeú a de Eliseu, conferindo-lhe ainda mais autoridade e legitimidade.

2.2. *A unção de Jeú (2 Reis 9,5-10)*

No segundo bloco narrativo, que corresponde aos versículos 5-10, será analisada a narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta. A princípio, um aspecto que chama a atenção é que este bloco é marcado por movimentos bruscos e rápidos. Essas características permitem ao leitor perceber que os eventos narrados se desenrolaram rapidamente, dada a gravidade da situação em questão: a unção de um novo rei enquanto outro ainda reinava. Desta maneira, não havia muito tempo para diálogos e ações que não fossem extremamente necessárias.

Logo no início do versículo 5a, o narrador nos informa sobre a chegada do jovem profeta a Ramot-Gilead e o seu encontro com os líderes militares de Israel: **וַיָּבֹא וְהִנֵּה שָׂרֵי הַחַיִּל יוֹשְׁבִים**/ E entrou, e eis que uns chefes do exército [estavam] situados. O substantivo **שָׂר**/chefe, que neste versículo se encontra no plural, tem como tradução “Príncipe, Alteza, vossa senhoria; ofício: chefe, governante, general” (Schökel, 1997, p.648). É um substantivo que denota autoridade, neste caso aplicada ao exército. Então, os **שָׂרֵי הַחַיִּל**/chefes do exército eram generais com grande autoridade militar. Como já dissemos anteriormente, Ramot-Gilead era uma região que estava ocorrendo conflitos militares entre Israel e Damasco, por conta disso, o deslocamento militar para a região era necessário, por isso eles estavam **יוֹשְׁבִים**/situados naquela região, provavelmente em conselho de guerra. A presença dos chefes naquela região se dava por conta do conflito que estava ocorrendo.

Jeú era um dos chefes de Israel e, como foi dito em 2c, ele estava **מִתּוֹךְ אָחָיו** / de meio de seus irmãos. Não há intenção do autor em destacar Jeú como o maior, hierarquicamente falando, entre os chefes de Israel, porque todos dispunham da mesma patente militar. Como já mencionado, Jeú é visto como um entre **אָחָיו** / seus irmãos. Além disso, no próprio versículo 5a, não há nenhuma caracterização especial prévia de Jeú entre os demais chefes, visto que apenas os **שָׂרֵי הַחַיִּל** / chefes do exército, de modo geral, são apresentados. Isso se encaixa na tradição bíblica de eleição régia por parte de YHWH de pessoas desconhecidas e sem ascendência real. Tal como Saul (1 Samuel 9.10) e Davi (1 Samuel 16), que não provinham de famílias reais influentes de Israel e Judá, foram escolhidos pela divindade, mostrando a eleição divina para a realeza. Jeú também é apresentado como um entre iguais unguído unicamente pela vontade divina: “O rei designado é conhecido apenas pelo elitismo de uma eleição misteriosa [...] A aparência de camaradagem tenta, ou finge, proteger a instituição real de endurecer-se no elitismo pessoal do privilégio social” (Long, 1991, p. 118, tradução nossa)¹².

Malgrado isso, no versículo 5b, quando o jovem profeta anuncia que tinha uma mensagem para o chefe, **דַּבֵּר לִי אֵלֶיךָ הַשָּׂר** / palavra de mim para ti, ó chefe. Mais que entendermos isso como um desejo do profeta em declarar que Jeú era o chefe dos chefes, o texto sugere que

¹² “The designated king is known only through the elitism of a mysterious election [...] The appearance of camaraderie attempts, or pretends, to protect the royal institution from hardening into the personal elitism of social privilege”.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

o objetivo do profeta era transmitir uma mensagem específica para um dos chefes presentes. Jeú toma a frente e pergunta ao jovem profeta a quem deles era destinada a palavra: **וַיֹּאמֶר יְהוּא אֵלֶיךָ** / E disse Jeú: A quem de todos nós? (5c). A pergunta de Jeú reforça ainda mais o argumento de que eles eram iguais entre si, pois se não fosse, quando o jovem profeta dissesse que tinha uma mensagem para “o chefe”, logo saberiam que era o maior entre eles, mas, não parece ser o caso da narrativa. Pelo contrário, a pergunta de Jeú indica igualdade.

Em 6a, visto que o jovem profeta possivelmente não conhecia Jeú, o fato de Jeú tomar a frente e perguntar foi um indicativo da sua identidade: **אֵלֶיךָ הַשֵּׁר** / A ti, ó chefe. Desse modo, o jovem profeta diz a Jeú que a palavra profética era para ele, já anunciando previamente que logo ele se tornaria “o chefe” pela unção que logo recebeu. A pronta resposta de Jeú ao jovem profeta também pode indicar que Jeú possuía uma liderança moral, não hierárquica, entre os demais chefes. Ou seja, todos tinham a mesma patente militar, mas é possível supor que atribuíam a Jeú um grau maior de confiança. Após identificar Jeú, 6b nos indica que o jovem profeta cumpre o preceito ditado por Eliseu, ao se levantar e entrar na casa. A unção não ocorre na presença dos demais chefes que, como veremos posteriormente, sequer sabiam o conteúdo da mensagem profética que Jeú estava para receber.

Em 6cef está o coração de toda a perícope por nós analisada neste artigo, pois se trata da unção de Jeú como rei de Israel¹³. Aqui nos é apresentado quase que uma fórmula litúrgica de unção régia, que começa com o derramamento do azeite sobre a cabeça de Jeú, a comunicação profética da palavra de YHWH, e a confirmação de que aquele que unge o novo monarca é a divindade, sendo o jovem profeta apenas um instrumento. 6c diz que o jovem profeta derramou o azeite na cabeça de Jeú: **וַיִּצֶק הַשָּׂמֶן אֶל־רֵאשׁוֹ** / e derramou o azeite sobre a sua cabeça. Tal ato identifica Jeú a uma tradição de unção régia sobre a unção na cabeça que remonta a Saul (1 Samuel 10,1).

Como mencionado anteriormente, a unção régia ocupa um lugar singular na tradição bíblica, conferindo àquele que a recebe um status político especial, além de um significado religioso profundo. A unção é um sinal de que a divindade escolheu aquela pessoa específica para o serviço divino. A unção sobre a **רֵאשׁוֹ** / cabeça simbolizava a consagração total ao exercício do governo: “O azeite era derramado sobre as cabeças dos reis como símbolo da sua consagração ao ofício. Sacerdotes ou profetas, como representantes de Deus, usualmente encarregavam-se do ato da unção, o que fazia do rei um servo de Deus” (Champlin, 2001, p.5409). Nesse sentido, o rei ungido tinha a suas funções revestidas de um ideal sacro, pois ele era tido como uma pessoa

¹³ Na Bíblia Hebraica, a unção régia não era um ritual frequente ao assumir o trono. Apenas sete reis israelitas e judaítas são mencionados como ungidos: Saul (1 Samuel 10,1), Davi (1 Samuel 16,13), Absalão (1 Samuel 19,10), Salomão (1 Reis 1,39), Jeú (2 Reis 9,6), Joás (1 Reis 11,12) e Jeoacaz (2 Reis 23,30). Essa prática destacava esses reis como especiais, não sendo todos os monarcas ungidos. Os reis podem ser divididos em dois grupos: aqueles ungidos por vontade humana (Absalão, Salomão, Joás e Jeoacaz) e aqueles ungidos segundo a vontade divina (Saul, Davi e Jeú). A unção de Absalão ocorreu durante sua revolta contra seu pai Davi, não seguindo um ritual formal. Joás foi ungido durante uma revolta liderada pelo sacerdote Joiáda contra sua avó Atalia. Jeoacaz foi ungido pelos habitantes de Judá após a morte de seu pai Josias, enquanto Salomão foi ungido por Zadoc, indicado por Davi, garantindo sua sucessão. Diferentemente dos monarcas citados, Saul, Davi e Jeú foram ungidos por profetas em cumprimento a decretos divinos bem diretos, preparando reis que não eram naturalmente destinados ao trono. Esta unção simbolizava a escolha direta de YHWH, como foi o caso de Saul atendendo ao pedido dos israelitas por um rei, Davi para ser um rei segundo o coração de YHWH, e Jeú para acabar com a dinastia omrida em Israel, estabelecendo um paralelo entre suas missões.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

consagrada e escolhida pela divindade para aquele ofício régio. Ao mencionar a unção de Jeú pelo jovem profeta, o narrador queria enfatizar que ele tinha a marca indelével da eleição divina para o reinado, ou seja, a unção divina administrada pelo profeta indicado de YHWH.

Com exceção de Saul e Jeú, o texto bíblico não menciona nenhum outro rei israelita recebendo a unção régia, o que demonstra a excepcionalidade de Jeú, confirmada nas repetidas menções dessa unção (1 Reis 19,16a; 2 Reis 9,3b,6c,12e). Dada a excepcionalidade da menção da unção de Jeú no texto bíblico e a maneira como ela é retratada, podemos conjecturar que a decisão do autor em mencioná-la corrobora a sua visão de Jeú como um rei justo. Depois da unção, o jovem profeta comunica a Jeú aquilo que YHWH, deus de Israel, diz-lhe: **כֹּה־אָמַר יְהוָה** / Assim diz YHWH, deus de Israel (6e). Aqui já notamos uma diferença entre a comunicação do jovem profeta a Jeú e aquilo que Eliseu ordenou em 3c: **כֹּה־אָמַר יְהוָה** / Assim diz YHWH. Comparado com 3c, 6c introduz a frase o seguinte termo: **אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל** / deus de Israel. O termo **אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל** / deus de Israel era usado em discursos solenes e enfatizava a pertença de Israel para com YHWH: “a fórmula Deus de Israel era usada, praticamente, como um título formal, especialmente em discursos solenes” (Fohrer, 2015, p.242). Na comunicação do jovem profeta, a ênfase recai na solenidade, no fato de YHWH ser o deus de Israel. Dessa sorte, ele tem autoridade para mudar os rumos históricos e políticos do reino que lhe pertence. Por isso, apesar de falando politicamente o movimento de Jeú ser golpista e ter a sua legitimidade contestável, no âmbito religioso, é YHWH, o deus de Israel, que tem a autoridade para efetuar as mudanças que lhe convém.

Em seguida (6f) apresenta outra fórmula que reforça ainda mais a pertença de Israel para com YHWH: **מִשְׁחֵתִּיךָ לְמַלְכֵךָ אֶל־עַם יְהוָה אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל** / Eu ungi-te para rei sobre [o] povo de YHWH, sobre Israel. Aqui, a divindade diz que a unção administrada a Jeú foi para que ele fosse rei do povo que lhe pertence, ou seja, Israel, por isso o substantivo **עַם**, que está em estado construto, é seguido pelo nome **יהוה** /YHWH. Isso demonstra que YHWH age diretamente em todo o processo de unção de Jeú para o governo de Israel, pois ele deseja que Jeú seja o rei do seu povo e por isso lhe confere a unção sagrada.

Para o autor, Jeú teria a missão de retomar a ênfase política e religiosa de YHWH como o deus de Israel e de Israel como povo de YHWH, pois ele entendia que isso havia se perdido durante o reinado dos omridas, diante do culto a Baal realizado em Israel. Desse modo, Jeú e o seu reinado se caracterizam como reformistas javistas.

O uso do termo “povo do SENHOR” (**עַם־יְהוָה**) em vez de simplesmente “Israel” (**יִשְׂרָאֵל**) é significativo aqui, indicando que a comunidade religiosa ou sacral do SENHOR, o povo específico de Israel, está em foco. Este termo de comunidade sacral é um lembrete de que a realeza em Israel (e até a existência de Israel como povo e nação) é obra de aliança do SENHOR. Jeú é chamado para a realeza como parte do trabalho do SENHOR dentro dessa comunidade de aliança, especificamente na purgação dos aspectos não-aliançais que haviam prevalecido sob os Omridas (Beal, 2005, p. 87, tradução nossa)¹⁴.

¹⁴ “The use of the term “people of the LORD” (**עַם־יְהוָה**) instead of simply “Israel” (**יִשְׂרָאֵל**) is significant here, indicating that the religious or sacral community of the LORD, the specific people of Israel, is in focus. This term

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

A animosidade do narrador para com os omridas se torna mais evidente nos versículos 7a-10d, onde o jovem profeta profetiza uma série de condenações aos omridas, especialmente à família de Acab. Este trecho também não estava previsto na instrução inicial de Eliseu ao jovem profeta, que previa apenas a unção de Jeú e a comunicação de que quem o ungia era YHWH. Se levarmos em conta apenas a comunicação inicial de Eliseu, não havia um juízo explícito sobre os omridas, apesar de ser lógico que Jeú precisasse depor e matar o rei em exercício para exercer a sua unção régia. No entanto, as palavras que o jovem profeta adiciona expressam um juízo claro sobre os omridas, enfatizando o desagrado de YHWH com o seu reinado.

Com o intuito de demonstrar que a ação efetuada por Jeú, na verdade, é de YHWH, com exceção do verbo que está em 7a (וְהָרַגְתָּהּ /farás ferir), hifil imperfeito, precedido de waw conversivo, que está na segunda pessoa masculina singular referindo-se a Jeú, do que se encontra em 8a (וְנָצַדְתָּ /e perecerá), qal imperfeito, precedido de waw conversivo, que está na terceira pessoa masculina singular, referindo-se à casa de Acab, e do que está em 10b (וְיֹאכְלֶנָה /e comerão), qal imperfeito que está na terceira pessoa masculina plural, referindo-se aos cachorros, os demais verbos que demonstram o juízo contra os omridas estão na primeira pessoa, ou seja, referindo que a ação será da pessoa que fala, ou seja, YHWH, demonstrando que ele é o agente principal da vingança: (וְנִקְמָתִי /vingarei¹⁵; וְהִכְרַתִּי /farei extirpar¹⁶; וְנָתַתִּי /e darei¹⁷): respectivamente em 7c, 8b e 9a. Ou seja, Jeú é apenas o instrumento, quem age é YHWH.

O julgamento nestes versículos traça um paralelo claro entre o juízo negativo de YHWH contra os omridas e outros dois ocorridos na história de Israel: Jeroboão I (1 Reis 14,7-11) e Baasa (1 Reis 16,1-4). Comunicados respectivamente pelos profetas Aías e Jeú. YHWH reivindica para si o fracasso na tentativa desses dois reis em formar uma dinastia, assim como ele é responsável pelo ocaso da dinastia de Omri com a unção de Jeú. Isso confirma ainda mais o enunciado anterior que coloca YHWH como deus de Israel, demonstrando que ele comanda os acontecimentos. Assim como interveio e derrubou a casa de Jeroboão I e a casa de Baasa, ele agora derrubar a casa de Omri. No entanto, diferente de Jeú, os agentes responsáveis por derrubar a casa de Jeroboão I e a casa de Baasa não foram ungidos por YHWH. Jeú, por outro lado, foi ungido, o que reforça ainda mais o forte teor eletivo de YHWH para Jeú, bem como a excepcionalidade dele na narrativa deuteronomista.

De acordo com 7a (וְהָרַגְתָּהּ אֶת-בַּיִת אֶחָב אֲדֹנָיְךָ / farás ferir a casa de Acab teus senhores). No momento em que a narrativa desenvolve, Acab já havia morrido (1 Reis 22,34). O rei de Israel era Jorão, mas o foco da profecia não é ele, mas sim Acab, que é monarca omrida que foi mais mal avaliado pelo deuteronomista, demonstrando a sua animosidade profunda para com ele. Jeú seria o instrumento pelo qual YHWH feriria a família de Acab que, mesmo depois da sua morte, ainda estava no poder em Israel e em Judá, com Ocozias que também foi morto no curso do golpe de Jeú (1 Reis 10,14).

for the sacral community serves as a reminder that royalty in Israel (and even the existence of Israel as a people and nation) is the covenantal work of the LORD. Jehu is called to royalty as part of the LORD's work within this covenant community, specifically in the purging of the non-covenantal aspects that had prevailed under the Omrides”.

¹⁵ Verbo perfeito piel, precedido de waw conversivo, que está na primeira pessoa do singular. O piel indica ação intensiva, então a ação de YHWH contra a casa de Acab seria intensa.

¹⁶ Verbo hifil, precedido de waw conversivo, que está na primeira pessoa do singular.

¹⁷ Verbo qal, precedido de waw conversivo, que está na primeira pessoa do singular.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

7bc expressa ainda mais o caráter de Jeú como instrumento da vingança de YHWH contra Acab e os omridas: **וְנִקְמְתִי דָמִי אֶעֱבְדִי הַנְּבִיאִים וְדָמִי כָּל־עֲבָדֵי יְהוָה מִיַּד אִיזָבֵל**: / e vingarei [os] sangues dos meus servos, os profetas e os sangues de todos os servos de YHWH de mão de Jezabel. A principal razão pela qual YHWH quer usar Jeú para se vingar da casa de Acab são os atos de Jezabel, princesa fenícia que se casou com Acab. Ela é acusada de influenciar a introdução do culto a Baal em Israel por Acab (1 Reis 16,31) e de cometer atos contra os profetas e servos de YHWH. Com isso, o texto bíblico deuteronomista fala sobre profetas e servos de YHWH que foram perseguidos e mortos durante o reinado de Acab, sobretudo pela rainha Jezabel (1 Reis 18,3). A perseguição feita contra os profetas e servos de YHWH fez com que a ira divina viesse sobre a casa de Acab. Sendo o profeta e os servos de YHWH importantes para ele, logo sua ira se levantaria contra aqueles que os perseguem, neste caso a família de Acab.

Depois do anúncio de destruição e julgamento, 8a testifica que o resultado será alcançado: **וְאָבָד כָּל־בֵּית אַחָאָב** / perecerá toda a casa de Acab. Ou seja, os familiares de Acab serão todos eliminados e YHWH completará a sua vingança por meio de Jeú. Essa vingança se estenderá a todos os homens da casa de Acab e nenhum escapará de acordo com 8b: **וְהִכְרַתִּי מִשְׁתֵּי־בְקִיר לְאַחָאָב מִשְׁתֵּי־בְקִיר** / e farei extirpar de Acab o que urina em parede. A expressão **מִשְׁתֵּי־בְקִיר** / o que urina na parede é bastante interessante. Ela é formada pelo verbo participio masculino singular **מִשְׁתֵּי** / o que urina, e por uma preposição mais um substantivo **בְּקִיר** /na parede. Na perícope por nós analisada, o seu significado é homem, fazendo referência a todos os homens da casa de Acab: “Portanto, não é nenhuma surpresa que o segundo entendimento mais comum de **מִשְׁתֵּי־בְקִיר** seja que ele se refere diretamente a um homem ou, mais geralmente, a todos os seres humanos do sexo masculino” (Smith, 2010, p. 705, tradução nossa)¹⁸. Muitas vezes que essa expressão aparece, ela expressa julgamento divino ou humano sobre alguém, trazendo em si um tom de ameaça, visto que tanto no livro de Samuel como em Reis, YHWH ou um profeta ameaçam um urinador contra a parede (Auld, 2012).¹⁹ Isso ainda se confirma fato que todos os membros da casa de Acab serão atingidos se confirma em 8b: **וְעֵצוֹר וְעֵזוֹב בִּישְׂרָאֵל**: / e o que [está] detido e o que [está] deixado em Israel. Tanto os que estão detidos como os que estão deixados, ou seja, os que estão livres, serão atingidos por YHWH, nenhum escapará, independente da situação que eles se encontram. Percebemos ainda mais a ênfase condenatória para com a casa de Acab e os seus membros que o texto por nós analisado quer demonstrar.

Em 9abc temos a caracterização da divindade que dará à casa de Acab conforme fez à **בֵּית יִרְבֵּעַם** / casa de Jeroboão e à **בֵּית בַּעֲשָׂא** / casa de Baasa. O que YHWH deu a essas casas? A destruição! E é exatamente isso que espera a casa de Acab e aos omridas de modo geral. A destruição será o pagamento pelos crimes cometidos por esse grupo. Os omridas que conseguiram e certamente se orgulhavam de ter estabelecido uma dinastia diferente dos

¹⁸ Therefore, it is no surprise that the second most common understanding of **מִשְׁתֵּי־בְקִיר** is that it directly refers to a man or, more generally, to all male human beings”.

¹⁹ As ocorrências da expressão hebraica **מִשְׁתֵּי־בְקִיר** no texto bíblico são encontradas em 1 Samuel 25,22.34; 1 Reis 14,10; 16,11; 21,21; e 2 Reis 9,8. Em suas ocorrências no livro de Samuel, **מִשְׁתֵּי־בְקִיר** expressa um julgamento de Davi contra seus inimigos (1 Samuel 25,22) e contra Nabal (1 Samuel 25,34). Já no livro dos Reis, é uma expressão que denota o juízo divino sobre os reis Jeroboão (1 Reis 14,10), Baasa (1 Reis 16,11) e Acab, duas vezes (1 Reis 21,21; 2 Reis 9,8). De modo explícito na narrativa do comunicado profético do homem de Deus sobre a casa de Acabe, onde ele diz que ela terá o mesmo destino da casa de Jeroboão I e da de Baasa, também os termos condenatórios se equivalem.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

monarcas anteriores a eles, como Jeroboão II e Baasa, agora terão o mesmo fim que eles, devido aos seus desvios.

10abcd finaliza a condenação de YHWH através do jovem profeta ao falar sobre o destino de Jezabel, a quem o deuteronomista nutre uma especial aversão, dando ao seu destino grande atenção: **וְאַתְּ-אֵיזָבֶל יֹאכְלוּ הַכְּלָבִים בְּתֵלֶק יִזְרְעָאֵל וְאִין לָבֵר:** / E Jezabel, comerão os cães em campo de Jezrael e não haverá o que enterra. De acordo com este versículo, depois da morte de Jezabel, não haveria quem a enterrasse, a ponto de seu corpo ser comido pelos cães. Esse versículo alinha a profecia contra Jezabel com a tradição deuteronomista presente em Deuterônômio 28,26, onde o corpo insepulto é considerado uma maldição da parte de YHWH: **וְהָיְתָה נְבִלְתְּךָ לְמֶאֱכָל לְכָל-עוֹף הַשָּׁמַיִם וּלְבְהֵמַת הָאָרֶץ וְאִין מִחְרִיד:** / E será teu cadáver de alimento para toda ave dos céus, e a animal da terra e não haverá o que espanta. No contexto do livro do Deuterônômio, essa é uma das maldições reservadas para os israelitas que não obedecessem YHWH. O fim de Jezabel será esse, pois ela não estava segundo os preceitos que o deuteronomista entendia como sendo de YHWH.

A profecia do jovem profeta reserva para Jezabel uma das piores mortes dentro do imaginário antigo. Isso deu-se por suas transgressões e por ela ser considerada uma das principais responsáveis pela perseguição dos servos e dos profetas de YHWH. Com a morte de Jezabel, bem como de todos os homens da casa de Acab e dos omridas, seria efetuada a vingança de YHWH por meio de Jeú. Assim se encerra a mensagem de YHWH a Jeú por meio do jovem profeta, que como vimos, apresentou variações consideráveis a mensagem “original” transmitida por Eliseu. Em 10ef o jovem profeta retoma o conselho recebido por Eliseu: **וַיִּפְתַּח הַדֶּלֶת וַיָּנֶס:** / E abriu a porta e fugiu. O jovem profeta não deu oportunidade a Jeú de lhe dizer ou perguntar coisa alguma, logo que a mensagem foi dada e a unção feita, ele saiu de cena. Como já dissemos, a fuga implica a periculosidade da ação de ungir Jeú.

Como vimos acima, os versículos 7a-10d têm um forte teor condenatório aos omridas. Um ponto que chama a atenção é que eles se referem a juízos divinos anteriormente proferidos por Elias contra Acab e sua família por ocasião do assassinato de Nabot, conforme 1 Reis 21,21-23: **הִנְנִי מִבֵּי אֵלֶיךָ רָעָה וּבְעֵרְתִי אֲחַרְיֶיךָ וְהִכְרַתִּי לְאַחֲזָב מִשְׁתִּין בְּקִיר וְעֶצֶר וְעֶזֶב בְּיִשְׂרָאֵל: וְנָתַתִּי אֶת-בֵּיתְךָ כְּבַיִת יָרֻבְעָם בְּוִנְיָם וּכְבַיִת בְּעֵשָׂא בְּוִנְיָהּ אֶל-הַפְּעֵס אֲשֶׁר הִכְעִסְתָּ וַתַּחֲטֹא אֶת-יִשְׂרָאֵל: וְגַם-לְאִיזָבֶל דָּבַר יְהוָה לֵאמֹר: יֹאכְלוּ יְרֵמִיָּה וְיִזְרְעָאֵל: / Eis que eu [sou] o que farei chegar sobre ti [o] mal e arrasarei depois de ti, e farei extirpar de Acab o que urina em parede, e o que [está] detido e o que [está] deixado em Israel. E darei a tua casa conforme [a] casa de Jeroboão, filho de Nabate, e conforme [a] casa de Baasa, filho de Aías; com a irritação que fizeste irritar e fez transgredir Israel. E também [a] Jezabel falou YHWH, dizendo: os cães comerão [a] Jezabel em fortaleza de Jezrael. A condenação do jovem profeta contra Acab evoca o Ciclo de Elias, enfatizando que seria Jeú o instrumento pelo qual o juízo profético desse profeta seria cumprido. Posto isso, é correto dizer que o conteúdo da profecia do jovem profeta remete mais aos ditos de Elias do que propriamente aos de Eliseu no início da narrativa²⁰, criando desse modo um elo literário entre as**

²⁰ Como veremos adiante, embora 2 Reis 9,1-13 seja um texto que, em sua redação final, está integrado à historiografia deuteronomista, muitos autores consideram que originalmente essa narrativa surgiu no Reino de Israel, sendo assim pré-deuteronomista, datada no reinado de Jeroboão II: "é melhor datar este ciclo no reinado de Jeroboão ben Joás na primeira metade do século VIII AEC" (Sweeney, 2012, p. 546). No entanto, quando o

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

duas tradições. A menção a profecia de Elias tinha como intuito legitimar o banho de sangue empreendido por Jeú contra os omridas e contra a casa de Acab, apresentando esse fato como uma plena realização do dito profético de Elias. Desse modo, o jovem profeta estaria apresentando aquilo que já havia sido profetizado por Elias.

Nesta subseção, a análise narrativa nos permite observar alguns aspectos importantes. Um dos grandes personagens é o jovem profeta que, logo após receber a ordem de Eliseu, chega a Ramot-Gilead e comunica aos chefes do exército israelita que precisava entregar uma mensagem a um deles. Jeú, que não é destacado na narrativa como o mais importante entre eles, mas talvez gozasse de um maior prestígio interno, questiona o jovem para quem era a mensagem, e este diz-lhe que era para ele. Seguindo o conselho de Eliseu, o jovem profeta vai com Jeú para um local mais reservado e unge Jeú como rei de Israel. Depois disso, comunica-lhe o juízo divino sobre a casa de Acab e sobre Jezabel, do qual Jeú será o instrumento. O que salta aos olhos aqui é o forte teor religioso desta subseção, que se expressa na ênfase dada à pertença de Israel a YHWH. Diferente da subseção anterior, onde YHWH não fala, aqui Ele toma a cena e comunica o seu juízo contra a casa de Acab por meio do jovem profeta. É muito provável que esta subseção tenha servido não apenas para conectar a tradição de Jeú com o ciclo profético de Elias, pois, como vimos, muitas das profecias que foram entregues pelo homem de Deus já haviam sido anunciadas por Elias a Acabe (1 Reis 21,21-23). Além disso, ela também serviu como um meio de legitimação do massacre de Jeú contra os omridas, apresentando-o como o desejo de YHWH e as ações de Jeú seriam apenas cumprimentos daquilo que havia sido anteriormente profetizado.

deuteronomista teve contato com essa narrativa, algumas inclusões foram feitas, como aponta o teólogo David Lamb, especialmente nos versículos 6-10. Isso explicaria a grande variação entre a ordem dada por Eliseu (2 Reis 9,1-4), que estaria na narrativa original pré-deuteronomista, e o que o jovem profeta disse a Jeú (2 Reis 9,6-10), uma interpolação deuteronomista tardia, provavelmente do século VII AEC: "é possível que a narrativa original não incluísse nenhum discurso direto do jovem profeta em 2 Reis 9,6, apenas uma referência ao derramamento do óleo" (Lamb, 2007, p. 54). Como na unção de Davi (1 Samuel 16,13), onde Samuel apenas ungiu com azeite sem proferir palavras, é provável que a narrativa original da unção de Jeú não contivesse nenhum discurso do jovem profeta, apenas a menção da unção. Uma evidência dessa hipótese é que a menção feita em 6ef sobre YHWH como deus de Israel e de Israel como povo de YHWH não está presente em 3c nem em 12de, o que pode indicar que o versículo 6 seja uma interpolação e que a sequência lógica da narrativa (vv12) seguiu o mesmo padrão de linguagem do início do texto (vv3), não mencionando YHWH como deus de Israel e nem Israel como povo de YHWH, sendo essa carga teológica obra da edição deuteronomista: "Adições secundárias também são evidentes nos versículos 6-10. O texto foi expandido de modo que as palavras do filho do profeta já não reproduzem com precisão as palavras de Eliseu (em 9,3) e Jeú (em 9,12). Isso implica uma tensão no texto, que precisa ser abordada. Essas adições têm sido tradicionalmente identificadas como deuteronomistas, o que parece plausível. De qualquer forma, elas fornecem o motivo para o assassinato da família de Acab em termos teológicos e históricos, neste caso particular com base na narrativa de Elias. Os elementos a serem removidos da história de Jeú são: "o Deus de Israel" e "sobre o povo de YHWH" no versículo 6, e todo o versículo 7 até o versículo 10a." (Robker, 2007, p.39). Ainda, de acordo com essa hipótese, 1 Reis 21, 21-23 também são adições deuteronomistas a narrativa profética de Elias. A inclusão desses versículos (1 Reis 21,21-23; 2 Reis 9,6-10) reforça o ideal legitimador já presente na narrativa "original", intensificando o viés anti-omrida deuteronomista.

2.3. Proclamação de Jeú como rei (2 Reis 9,10-13)

Nesta subseção, o principal personagem é Jeú, que sai da posição passiva que foi apresentado na subseção anterior para o centro da cena narrativa²¹. Conforme registrado em 2 Reis 9,11a, depois de receber a unção régia administrada pelo jovem profeta e ouvir as suas palavras condenatórias contra a casa de Acabe, Jeú sai da casa onde estava: וַיֵּהָרֵא יְצָא אֶל-עַבְדָּי אֲדֹנָיו / E Jeú saiu em direção aos servos do seu senhor. Diferente de 2 Reis 9,2d, que se refere aos companheiros de Jeú como irmãos, e de 2 Reis 9,5a, que os chama de chefes, 2 Reis 9,11a diz que eles eram “servos de seu senhor”, ou seja, servos de Jorão, rei que estava em exercício em Israel. Naquele momento, os chefes ainda eram servos de Jorão, mas logo eles aderirão ao movimento de Jeú. A ênfase dada aqui na servidão deles para com Jorão nesse último momento antes da proclamação de Jeú parece ter como objetivo demarcar esse movimento feito pelos chefes israelitas: de servos de Jorão a apoiadores de Jeú.

11bc apresenta duas perguntas feitas pelos chefes ao verem Jeú se aproximando deles: וְהֲשָׁלוֹם מִדָּוָע בָּא-הִמְשַׁגֵּעַ הַזֶּה אֵלָיךְ / Por acaso, paz? Por que entrou o que [está] louco em direção a tí? A primeira pergunta equivale ao nosso “está tudo bem?” contemporâneo. Após experienciar a unção e ouvir palavras tão fortes contra a casa de Acab, Jeú provavelmente estava perplexo, e os chefes, ao notarem isso, logo lhe perguntam se tudo estava bem com ele. O segundo questionamento é mais direto. Eles queriam saber qual era o motivo da vinda do הַמְשַׁגֵּעַ / o que está louco até Jeú. Dada a sua função incomum comparada aos demais, muitas vezes alguns profetas podiam ser chamados de loucos (Jr 26,19; Os 9,7): “A caracterização do jovem profeta como 'louco' (mēšuggā') reflete o estilo de vida incomum e o comportamento dos profetas que estão reunidos ao redor de Eliseu” (Sweeney, 2012, p. 552, tradução nossa)²². A descrição negativa do profeta pelos agora chamados אַבְדָּי אֲדֹנָיו / servos de seu senhor, pode demonstrar uma tentativa do narrador em destacar a animosidade que os omridas tinham para com os profetas de YHWH, especialmente aqueles associados a Elias e Eliseu. Apesar da caracterização negativa inicial, logo que ouvem de Jeú o que o profeta lhe disse, eles aceitam-no prontamente.

Não obstante, conforme 1d, Jeú não responde diretamente à pergunta deles: אַתֶּם יֹדְעִים: וְאַתֶּם הַיֵּשׁוּבִים / Vós conheceis o homem e seu cochicho²³. Jeú desvia do assunto ao dizer que eles sabiam que os profetas têm um jeito particular de falar. A hesitação de Jeú em revelar prontamente o que lhe foi dito pelo jovem profeta revela o seu temor com toda a situação. Tal como o jovem profeta ungiu Jeú em segredo e fugiu logo depois da unção por medo das possíveis consequências do ato, Jeú temia qual seria a reação dos chefes, até então fiéis a Jorão, se ele comunicasse a unção régia recebida. Caso a reação fosse negativa, Jeú poderia ser acusado de

²¹ Parece que esse movimento é proposital na perícopes de 2 Reis 9,1-13. No primeiro bloco (2 Reis 9,1-4), o profeta Eliseu é o principal personagem, enquanto o jovem profeta tem um papel passivo. Ao passarmos para o segundo bloco (2 Reis 9,5-10), o jovem profeta assume um lugar de destaque na narrativa, enquanto Jeú é um personagem secundário. Na terceira seção (2 Reis 9,11-13), Jeú assume o protagonismo. A narrativa foi construída de forma que o personagem secundário da subseção anterior assume o protagonismo na subseção seguinte.

²² “The characterization of the young prophet as 'mad' (mēšuggā') reflects the unusual lifestyle and behavior of the prophets gathered around Elisha”.

²³ Alguns autores (Brueggemann, 2000, p. 384) consideram a resposta de Jeú como uma confirmação do escárnio proferido contra o jovem profeta por parte de Jeú. Discordamos, visto que Jeú apenas diz a eles que o homem tinha um jeito particular de falar, provavelmente advindo de transes extáticos.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

traição, o que poderia resultar na sua morte. Isso, somado à instrução de Eliseu para que o jovem profeta unguisse Jeú em segredo e fugisse logo depois, e à estrita obediência do jovem profeta a essa instrução, demonstra um certo “suspense” na narrativa.

Em 12ab, os chefes logo percebem que Jeú estava mentindo, seja pelo seu modo de falar peculiar, seja pelo possível resquício de azeite da unção ainda sobre a sua cabeça. Por isso, eles prontamente pedem que Jeú conte a verdade sobre o que o jovem profeta havia dito: וַיֹּאמְרוּ שָׂקָר / E disseram: "Mentira! Faça contar, por favor, para nós." Jeú então cede e revela que foi ungido como rei: וַיֹּאמֶר כְּזָאת וְכִזָּאת אָמַר אֵלַי לְאֹמֶר בְּהָ אָמַר יְהוָה מִשְׁחֵתִיךָ לְמֶלֶךְ אֶל-יִשְׂרָאֵל: / E disse: Conforme este e conforme este, falou para mim, dizendo: Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel. A resposta de Jeú não menciona a condenação feita pelo jovem profeta à casa de Acab. Provavelmente, isso se deve aos versículos que contêm essa condenação serem adições deuteronomistas posteriores à narrativa original da unção de Jeú, como discutido anteriormente neste artigo. Portanto, a resposta de Jeú ecoa a instrução inicial dada por Eliseu ao jovem profeta, estabelecendo um elo entre ambos os momentos narrativos.

Jeú simplesmente comunica aos chefes as palavras do jovem profeta, sem emitir qualquer juízo de valor, positivo ou negativo, sobre elas, nem expressa concordância ou discordância com a profecia recebida. A expressão וְכִזָּאת וְכִזָּאת / conforme este conforme este, indica que Jeú estava comunicando integralmente o que tinha recebido do jovem profeta, sem alterações, o que o isentaria de qualquer culpa. Esta cautela de Jeú reflete a possibilidade de ele renunciar à unção se a reação dos chefes fosse negativa, podendo afirmar que não teve tempo de negá-la e reafirmar a sua submissão a Jorão, especialmente diante da fuga imediata do jovem profeta.

Contrariando as preocupações de Jeú, os chefes, ao ouvirem a palavra profética de que YHWH havia ungido Jeú como rei, agiram rapidamente para proclamá-lo: וַיִּמְהָרוּ / e apressaram-se muito. Mais uma vez, as ações ocorrem com grande rapidez. O que levou os chefes a aceitarem Jeú como rei não é especificamente claro no texto. Poderia ser devido à sua popularidade entre eles internamente, à insatisfação com Jorão e os omridas, ou a ambos os fatores. O texto não esclarece essas questões e nem se preocupa com elas, mas mostra que assim que ouviram a profecia transmitida a Jeú, eles prontamente se apressaram em proclamá-lo como rei.

13bce narra um verdadeiro rito de proclamação régia: וַיִּמְהָרוּ וַיִּקְחוּ אִישׁ בְּגָדוֹ וַיִּשְׂמוּ תַחְתָּיו / e tomaram cada um seu traje, e puseram debaixo dele, sobre osso de degraus e tocaram na trombeta. Em relação a 13bc: “O manto exterior era um símbolo de personalidade e poder, e esta ação demonstrou o acordo dos oficiais com a revolta [...] "Nos degraus descobertos" é um termo arquitetônico desconhecido. Se o substantivo é derivado do verbo "cortar", então degraus revestidos poderiam estar em mente” (Hobbs, 2020, p. 115, tradução nossa)²⁴. Os chefes, ao colocarem os seus mantos debaixo de Jeú, estavam de fato reconhecendo a sua autoridade, que possivelmente já existia moralmente entre eles, mas que agora era reafirmada espiritualmente pela unção recebida. Dessa forma, os chefes deixaram de ser simplesmente companheiros de Jeú para se tornarem os seus súditos, aceitando-o como o

²⁴ “The outer cloak was a symbol of personality and power, and this action demonstrated the officials' agreement with the revolt [...] 'On the uncovered steps' is an unfamiliar architectural term. If the noun is derived from the verb 'to cut,' then covered steps could be intended”.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

seu novo líder. A ação simbólica de colocar os mantos debaixo de Jeú é um gesto de submissão e reconhecimento da sua autoridade régia recém-concedida por YHWH.

Finalmente, uma שופר/trombeta foi tocada (13e). Dentre os reis de Israel, esse rito é único²⁵, visto que nenhum dos demais monarcas israelitas na sua proclamação teve o toque da trombeta registrado. Possivelmente, o autor do texto desejava enfatizar a excepcionalidade de Jeú não apenas com a unção, mas também com a trombeta. O significado desse gesto é expressar a alegria pela unção do novo monarca. Esse toque de trombeta marca o encerramento do pequeno rito de proclamação realizado pelos chefes, formalizando o golpe de Jeú e indicando o início da sua ascensão ao trono de Israel.

13f finaliza a subseção registrando a proclamação régia que os chefes fizeram a Jeú reconhecendo a sua soberania: וַיֹּאמְרוּ מֶלֶךְ יְהוּא/E disseram: reina Jeú! מֶלֶךְ, verbo qual perfeito terceira pessoa masculina singular também é usado em 2 Samuel 15,10 por ocasião da tomada de poder por Absalão: וַיִּשְׁלַח אַבְשָׁלוֹם מַרְגְּלִים בְּכָל־שִׁבְטֵי יִשְׂרָאֵל לֵאמֹר כְּשִׁמְעֵכֶם אֶת־קוֹל הַשּׁוֹפָר וְאַמַּרְתֶּם: וַיִּשְׁלַח אַבְשָׁלוֹם מַרְגְּלִים בְּכָל־שִׁבְטֵי יִשְׂרָאֵל לֵאמֹר כְּשִׁמְעֵכֶם אֶת־קוֹל הַשּׁוֹפָר וְאַמַּרְתֶּם: וַיִּשְׁלַח אַבְשָׁלוֹם מַרְגְּלִים בְּכָל־שִׁבְטֵי יִשְׂרָאֵל לֵאמֹר כְּשִׁמְעֵכֶם אֶת־קוֹל הַשּׁוֹפָר וְאַמַּרְתֶּם: וַיִּשְׁלַח אַבְשָׁלוֹם מַרְגְּלִים בְּכָל־שִׁבְטֵי יִשְׂרָאֵל לֵאמֹר כְּשִׁמְעֵכֶם אֶת־קוֹל הַשּׁוֹפָר וְאַמַּרְתֶּם: E enviou Absalão os que espiam em todas [as] tribos de Israel dizendo: conforme o vosso ouvir [o] som da trombeta, e vós direis: reina Absalão em Hebrom. Em ambas as passagens, vemos um usurpador ambicionando o trono sendo anunciado ao som da trombeta, mas apenas Jeú tem a chancela divina para tal reivindicação. מֶלֶךְ ainda pode expressar uma adesão voluntária de um grupo de pessoas a um novo monarca em oposição ao outro:

[מֶלֶךְ] expressão usada para Jeú (e Absalão) não é destinada como uma aclamação (ou seja, uma fórmula de juramento sugerindo fidelidade e preservada no frequente grito formulaico, yehi hámmelek), mas é destinada como uma proclamação (ou seja, um grito pelo qual um indivíduo "estabelece uma reivindicação ao trono" (Beal, 2005, p. 102, tradução nossa)²⁶.

A unção foi feita no secreto, mas a proclamação ocorre às vistas, sendo anunciada até mesmo pelo toque da trombeta, o que mostra que a decisão de derrubar Jorão é sem volta.

Diferentemente de Absalão, que reivindica o trono no seu próprio nome, Jeú não faz tal reivindicação, mas é ungido por YHWH através da unção régia. Isso significa que os chefes não estavam apenas manifestando a sua submissão a Jeú ao retirarem os seus mantos e proclamá-lo como rei, mas também reconhecendo a autoridade divina por trás da sua ascensão. O grito de proclamação dirigido a Jeú não apenas celebra a sua liderança, mas também sanciona a sua posição como rei de Israel, estabelecida segundo a vontade de YHWH.

A análise textual desta subseção confirma a intenção do autor em exaltar Jeú em relação aos omridas. O reconhecimento dos chefes à autoridade de Jeú se deu de forma voluntária, pois ao ouvirem a palavra que YHWH tinha comunicado a Jeú por meio do seu profeta, eles logo tomaram posição de proclamar Jeú rei de Israel de uma forma especial, como nunca houve antes

²⁵ Na narrativa sobre a proclamação de Absalão (1 Samuel 15,10) também vemos a menção a trombeta, o que estabelece um elo entre as narrativas. Porém, a narrativa diz que Absalão reina em Hebrom, ou seja, no território de Judá.

²⁶ “The expression “[מֶלֶךְ]” used for Jehu (and Absalom) is not intended as an acclamation (i.e., a formula of oath suggesting allegiance and preserved in the frequent formulaic shout, yehi hámmelek), but is intended as a proclamation (i.e., a shout by which an individual “lays claim to the throne”).”

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

nem depois em Israel. Para o narrador, Jeú foi um rei excepcional, não apenas na sua devoção para com YHWH, mas também nas características da sua unção e proclamação. Todo o enredo foi montado a fim de demonstrar que a palavra e a de YHWH se cumpriu naquela situação e aqui é apenas o começo. A narrativa sobre a ação de Jeú continua, a ponto de ele matar Jorão de Israel e Ocozias de Judá (2 Reis 9,22-29), levar a morte Jezabel (2 Reis 9,30-37), assassinar todos os omridas restantes em Samaria (2 Reis 10,1-11) e destruir o Templo de Baal que havia naquela cidade (2 Reis 10,18-27). Toda a perícopes se constrói com o intuito de demonstrar a piedade de Jeú para com YHWH e a forma como ele seguiu integralmente, até mesmo na sua purga, aquilo que havia sido-lhe predito.

Como vimos ao longo da nossa análise narrativa, 2 Reis 9,1-13 é um texto altamente teológico que pretende primário a exaltação de Jeú e seu golpe e a depreciação omrida, mostrando o primeiro como ungido e querido por YHWH, e os segundos como pecadores dignos do juízo divino. Dessa sorte, temos dificuldades de entender os acontecimentos dessa narrativa como históricos, dado o caráter mítico que a perícopes está mergulhada.

3. Aspectos históricos referentes ao golpe de Jeú e a sua dinastia

Na seção anterior, nosso objetivo principal foi tratar de questões analíticas relativas à perícopes de 2 Reis 9,1-13 que, como vimos, se configura como um texto altamente teológico, cuja provável redação primeva ocorreu no século VIII AEC, no reinado de Jeroboão II. Nesta seção o nosso principal foco é abordarmos as questões históricas referentes ao golpe de Jeú, bem como questões relativas ao desenvolvimento da dinastia nimshida, que teve como ponto alto o reinado de Jeroboão II, um período de grande desenvolvimento econômico e social para o reino de Israel, onde algumas tradições importantes de Israel começaram a ser postas por escrito, como a tradição de Jacó e do Êxodo.

Há uma certa tensão entre os componentes históricos que o golpe de Jeú estão envoltos e aquilo que a perícopes de 2 Reis 9,1-13 traz no seu conteúdo. Isso ocorre, pois, como veremos, o texto serviu para fins propagandísticos e apologéticos e, com esses objetivos em mente, algumas questões históricas foram ocultadas ou modificadas com o intuito de exaltar Jeú e o seu movimento golpista contra os omridas. Complementando, o entendimento sobre a ambientação histórica do golpe de Jeú bem como o entendimento do contexto histórico de produção do texto de 2 Reis 9,1-13, é crucial para melhor visualizarmos o nascimento da narrativa sobre a unção de Jeú, a qual serviu para exaltar a dinastia nimshida no reinado de Jeroboão II, um momento de grande prosperidade e para legitimá-lo, funcionando como um verdadeiro “mito fundacional” nimshida, que serviu como meio ideológico de quebra de qualquer dúvida quanto a legitimidade da dinastia nimshida.

Para isso, dividiremos a nossa seção em três subseções. Na primeira, daremos um passo atrás e falaremos brevemente sobre a dinastia omrida e a sua importância política para Israel, bem como apresentaremos hipóteses históricas para seu ocaso. Na segunda subseção, trataremos do golpe de Jeú, que foi efetuado em Israel e, provavelmente, contou com bases de apoio internas e externas. Na nossa terceira subseção, o foco será o reinado de Jeroboão II e a

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

prosperidade vivenciada no reino de Israel durante o seu reinado, onde após anos, o reino de Israel conseguiu voltar ao protagonismo no Levante.

3.1. *Dinastia Omrida*

O reino de Israel teve sua origem na segunda metade do século X AEC, durante o reinado de Jeroboão I (931-909 AEC). A primeira entidade política israelita era modesta, tendo sua capital em Tersa (1 Reis 15,21). O período inicial da história de Israel antes da dinastia omrida (931-884 AEC) foi caracterizado por uma profunda instabilidade, marcada pela falta de estabelecimento de uma dinastia duradoura. Os monarcas desse período não conseguiram assegurar a continuidade dinástica e frequentemente enfrentaram golpes políticos, sendo alvos de constantes conspirações.

Mas, isso muda em 884 AEC, quando Omri, *אֲחִיָּזָר* (chefe do exército)²⁷, se torna rei de Israel, depois da morte de Zambri, conforme descrito em 1 Reis 16,21-22. Com Omri, houve uma mudança significativa do quadro anterior de instabilidade política no reino de Israel para um período de estabilidade, que permitiu a criação da dinastia omrida: “advento de Omri ao poder marca uma reviravolta decisiva no sentido de decolagem político-institucional e econômico no reino de Israel” (Liverani, 2008, p.145). Um dos principais feitos de Omri ao mudar a capital de Tersa para Samaria, conforme registrado em 1 Reis 16,23-24. Samaria está situada numa montanha na região central de Israel. A sua localização elevada tornava difícil a aproximação de exércitos sem serem detectados previamente: “assim, a capital ficava bem protegida, principalmente de Aram, seu adversário maior nesse tempo” (Kaefer; Dietrich, 2021, p.119). Além disso, a localização de Samaria no centro de Israel tornava propícia a conexão do poder central com as demais regiões do reino.

Os omridas também se caracterizaram por uma série de construções monumentais em Israel, tais como o palácio de Omri, uma das primeiras grandes obras dos omridas na cidade de Samaria e o palácio de Acab, sucessor de Omri (Mendonça, 2016), que foi uma ampliação do palácio anterior. Isso demonstra não só a organização e o poderio dos omridas, mas também como, já no século IX AEC, o reino de Israel se converteu em um estado plenamente desenvolvido sob a liderança dessa dinastia.

Com a estabilização interna, os omridas buscaram expandir seus domínios na região do Levante. As principais áreas de expansão foram: a leste, até Gileade; a oeste, até o Mar Mediterrâneo; ao norte, próximo a Dã; e ao sul, sobre os reinos de Judá, Moabe, Amom e Edom (Kaefer; Dietrich, 2021). Uma amostra do domínio omrida sobre terras além do seu reino é a estela de Meshah, composta no século IX AEC que fala sobre o domínio de Moab por Israel nos dias de Omri: “Amri [Omri] rei de Israel, humilhou Moab muitos dias [...] Amri tinha ocupado toda a terra de Madaba e habitou nela” (Finklshtein, 2016, p.108).

²⁷ Apesar dos grandes feitos de Omri, a Bíblia Hebraica resume seu reinado a apenas seis versículos (1 Reis 16,23-28), o que demonstra a animosidade nutrida pelo autor deuteronomista para com o reino de Israel, sobretudo pelos omridas. Um ponto que chama a atenção é que o mesmo substantivo hebraico *אֲחִיָּזָר* (chefe) é usado tanto para Omri (1 Reis 16,16), quanto para Jeú (2 Reis 9,5). Ou seja, como Omri era chefe do exército israelita e se levantou contra Zambri, Jeú que também era chefe do exército se levantou contra Jorão. Na deposição de um governo já estabelecido, obter o apoio do exército é um fator preponderante.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

A despeito da caracterização negativa deuteronomista, o rei omrida mais poderoso foi o filho de Omri, Acab, que reinou por mais tempo em Israel (873-852 AEC). Acab buscou aliança com as cidades fenícias de Tiro e Sidônia por meio do casamento régio entre ele Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios (1 Reis 16,31-32). O casamento constitui-se como um elo estratégico entre Israel e o reino de Sidon. A aproximação com os fenícios fez que atividade econômica israelita ficasse ainda mais efetiva.

Acab foi um rei de grande influência, que soube expandir e fortalecer a base política e econômica deixada por seu pai. Um exemplo disso é mencionado no Monólito de Kurkh, que relata a tentativa de investida assíria no Levante em 853 AEC, e a resistência empreendida por uma coalizão antiassíria formada pelos pequenos reis levantinos. O rei assírio Salmanaser III relata que Acab liderava um exército composto por dois mil carros de guerra e dez mil soldados de infantaria. Considerando o contexto histórico dessa inscrição, podemos inferir que Acab possuía um considerável poder militar, reforçando a ideia de que Israel era um reino poderoso durante o período omrida.

Malgrado a isso, o Reino Omrida de Israel não era o único reino emergente no século IX AEC no Levante. Um exemplo do poder arameu está na já citada coalizão antiassíria empreendida pelos reis do Levante contra Salmanaser III. Apesar da notável contribuição israelita, é provável que a coalizão tenha sido liderada pelos arameus (Liverani, 2020). Os arameus, que tinham a sua capital em Damasco também eram muito poderosos e, em muitos momentos, rivalizaram com os israelitas pela hegemonia no Levante. Dessarte, a arqueologia parece atestar que Acab levou certa vantagem sobre os arameus no período de seu reinado. Em 1 Reis 20,34 é dito que depois da fracassada tentativa arameia de conquistar Samaria, o rei arameus Bem-Hadad prometeu devolver a Acab algumas cidades outrora pertencentes a Israel. Apesar de Acab não ter conseguido dominar Damasco, “é possível comprovar arqueologicamente que ele [Acab] expandiu as suas fronteiras até as proximidades ao sul da capital síria.”(Mendonça, 2016,p.154) A dominação de terras arameias pelos omridas é também citada pela estela de Dan, erguida por Hazael, rei de Damasco, que diz: “O rei de Israel entrou anteriormente nas terras do meu pai” (Finksltein, 2016, p.132). Mas, o quadro de vitórias omridas contra os arameus se modifica quando Hazael, um dos monarcas mais importantes da História de Aram, sobe ao poder. Com ele, os arameus conseguem reverter a situação, enfraquecendo Israel por dentro através da destituição da dinastia omrida.

Após a morte de Acab, reinam em Israel o rei Ocozias (853-852 AEC) e depois Jorão (852-841 AEC). Eles foram os últimos reis omridas a governar sobre Israel. No início da narrativa sobre Ocozias é mencionado pelo autor deuteronomista a revolta de Moab contra Israel (2 Reis 1,1). Mais informações sobre essa revolta são dadas apenas na narrativa sobre o reinado de Jorão de Israel (2 Reis 4,3-27), onde é dito que Meshá, rei de Moab, se revoltou contra a dominação de Israel, mas, segundo o texto bíblico, Jorão conseguiu contornar a revolta. Mas, historicamente é mais plausível a versão moabita, onde Meshá conseguiu libertar-se de Israel, demonstrando que os israelitas, nos dias de Jorão, não era tão fortes como outrora.

O quadro político nos últimos dias da dinastia omrida mostra que, após a morte de Acab, os omridas entraram em franca decadência, evidenciada pela revolta de Meshá e pelo fortalecimento dos arameus sob Hazael. Esse é o contexto básico para entendermos melhor os desdobramentos políticos em torno do golpe empreendido por Jeú, que, como veremos, contou

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

com uma considerável participação dos arameus que possivelmente colocaram Jeú no poder em Israel com o objetivo de submeter o reino israelita a influência arameia e depor os omridas.

3.2. *Golpe de Jeú*

A dinastia omrida chegou ao seu fim devido à ação do general israelita Jeú (841-814 AEC), que, com o apoio de uma facção do exército de Israel, assassinou Jorão, o último rei omrida (2 Reis 9,22-26). Segundo o texto bíblico, após ser ungido como rei por um pupilo de Eliseu (2 Reis 9,1-13), Jeú encontrou Jorão rei de Israel e Ocozias rei de Judá em conflito armado contra os arameus em Ramot-Gilead. Jorão, ferido, retirou-se da linha de frente para Jezreel, onde foi confrontado por Jeú. Ao perceber a traição de Jeú, Jorão tentou alertar Ocozias, mas foi morto rapidamente. Ocozias também foi morto por Jeú devido ao seu parentesco com os omridas, visto que sua mãe, Atalia, era omrida (2 Reis 9,14-29). Posteriormente, Jeú exterminou toda a casa de Acab, incluindo a rainha Jezabel, na tentativa de eliminar qualquer influência omrida remanescente em Israel (2Reis 9,30-10,11). O texto bíblico ainda credita a Jeú o mérito de purgar o culto a Baal em Israel, instituído e apoiado pelos omridas (2Reis 10,18-27)²⁸. Criou-se a imagem do golpe de Jeú como uma espécie de guerra santa contra os omridas, adoradores de Baal. A ação de Jeú é apresentada como uma clara oposição aos omridas, especialmente no contexto religioso, sendo eles identificados como devotos fervorosos de Baal, enquanto Jeú e seus seguidores são fiéis adoradores de YHWH.

Diferentemente dos omridas, que tinham sua origem nas montanhas centrais de Israel, Jeú vinha de uma importante família situada na cidade de Rehov, no vale de Jezreel (Finklshtein, 2021). O avô de Jeú, Nimsi, era um comerciante e produtor de mel. Esta informação foi confirmada pelas escavações no local, onde, além das inscrições, foram descobertos um grande apiário e dois fragmentos de cerâmica com o nome “Nimsi” (Mendonça, 2016). No cerne da ação de Jeú pode estar o conflito de interesses entre as famílias da planície e do planalto israelita. As famílias da planície buscavam uma maior participação política no governo central de Israel, enquanto as do planalto almejavam manter a influência que haviam exercido desde o advento de Omri.

Além do já mencionado exército, o texto bíblico não registra outros grupos de apoio de Jeú em sua atividade contra Jorão. No entanto, apesar da decadência dos omridas, eles ainda constituíam uma dinastia poderosa. É improvável que Jeú tenha agido de forma isolada, sem uma base sólida de apoio. Para uma melhor compreensão histórica da ação de Jeú, é essencial destacar que ele mobilizou bases de apoio internas e externas, para empreender seu movimento político de deposição dos omridas. A base interna da ação de Jeú estava em grupos militares, anti-omridas e anti-fenícios, que desejavam não apenas substituir a dinastia reinante, mas

²⁸ Historicamente, é possível que o culto a YHWH tenha se fortalecido em Israel apenas com Jeú e, sobretudo, com Jeroboão II, visto que durante os omridas, sobretudo com Acab, a divindade principal deve ter sido Baal. Por isso, 2 Reis 9,1-13 exalta Jeú como javista: “Se houver um núcleo histórico por trás do golpe de Jeú, é possível que ele tenha feito de YHWH a divindade tutelar dos reis israelitas e que Jeroboão II tenha sido o responsável por promover o culto a YHWH em Israel. No entanto, os nomes Acazias e Jorão, dados a membros da dinastia omrida antes de Jeú, atestam que YHWH já era adorado nos círculos palacianos sob os omridas. A ‘revolução de Jeú’ deve então ser entendida como uma tentativa de erradicar a veneração dos ba'alins fenícios e a instalação de YHWH como a única divindade tutelar da monarquia, o que foi institucionalizado por Jeroboão II” (Finkelstein, 2021, p. 76-77).

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

também eliminar a influência religiosa fenícia. Jeú, um militar integrante desses grupos, que eram bem representados pelos profetas, que estavam insatisfeitos com a política omrida de abertura à influência cultural e religiosa fenícia. O texto bíblico descreve a ação de Jeú contra os omridas com um argumento religioso, apresentando-o como um agente do exclusivismo javista em oposição aos baalistas omridas.

Destarte, a interpretação bíblica do golpe de Jeú é seu apelo religioso contra as práticas religiosas baalistas omridas. No entanto, além da ação religiosa de Jeú, há um contexto político externo bem demarcado: a aproximação entre Israel e os arameus, visto que os últimos possivelmente colaboraram ativamente para o golpe de Jeú, constituindo a base de apoio externo para sua ação:

Ao lado das motivações religiosas havia também estratégias políticas diversas: a aliança com os fenícios de Tiro é substituída pela aliança-ou melhor, submissão- com os arameus de Damasco; portanto uma tentativa de gravitação mediterrânea é substituída por uma mais sólida entrada no cenário pastoral dos Estados étnicos de origem tribal (Liverani, 2008, p.148).

Os recentes debates historiográficos e arqueológicos sugerem a possibilidade da participação ativa dos arameus, liderados por Hazael, como uma base de apoio crucial para o golpe de Jeú. Esse apoio teria sido motivado pela intenção de consolidar a hegemonia arameia no Levante, aproveitando-se do enfraquecimento de Israel e da deposição da dinastia omrida. Essa perspectiva destaca a complexidade das dinâmicas políticas e das alianças estratégicas na região durante esse período histórico. Como dito anteriormente, com a chegada de Hazael ao poder em Damasco em 842 AEC, houve um crescimento considerável do poder dos arameus e rapidamente Hazael se converteu em um dos reis mais poderosos do Levante: “imediatamente depois de sua ascensão ao trono, Hazael atacou o Reino do Norte” (Finkelstein, 2016, p.69). A ação de Hazael contra Israel pode ser percebida na já citada batalha de Ramot-Gilead, travada entre Hazael e Jorão, rei de Israel.

Levando isso em consideração, é possível que Hazael tenha feito um acordo com Jeú. Havia a garantia de que ele reinaria e, em troca, Israel se submeteria aos arameus. Desse modo, os arameus estariam descaracterizando um importante rival em sua busca pela hegemonia no Levante. A base para essa argumentação são as informações apresentadas na Estela de Dã, o objetivo dessa estela era comemorar a vitória sobre Israel e a ocupação da cidade de Dã. Visto que a Estela estava localizada na cidade de Dã, era uma constante lembrança para os israelitas da sua submissão para com os arameus. Sua parte central relata a derrocada dos omridas:

[Quando] meu pai ficou doente e foi ao encontro dos seus [antepassados], o rei de Israel veio à terra do meu pai. Mas Hadad me fez rei, e Hadad veio até mim e eu parti dos sete [...] do meu reino, eu matei set [enta r] eis que tinham preparado mi [lhares de ca] rros e milhares de cavalos. [E eu matei Jho]ram, filho [de Acab], rei de Israel, e eu matei [Ahaz]yahu, filho [de Yohoram r] ei da estirpe de Davi. Eu levei [à ruína a cidade deles e] a terra deles à [desolação...] (Liverani, 2008, p. 151).

A estela de Dã se relaciona com a perícopes de 2Reis 9,22-26; entretanto, a inscrição adicionalmente reivindica que o rei Hazael teria sido o responsável pela morte de Jorão e

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

Ocozias, enquanto o texto bíblico atribui essas mortes à revolta liderada por Jeú. A provável solução para essa questão é que Jeú foi colocado no trono israelita por influência direta de Hazael de Damasco, tornando Israel um vassalo de Damasco: ” Yehu, posto no trono por vontade de Haza’el ou pelo menos por contragolpe da vitória de Hazael, iniciou, portanto, seu reino como vassalo do rei de Damasco” (Liverani, 2008, p.152). Em outras palavras, a dinastia omrida, criticada pela historiografia deuteronomista por seu culto a Baal, estabeleceu Israel como uma potência regional robusta, expandindo seus territórios. Por outro lado, a dinastia nimshida, elogiada por sua devoção ao javismo, viu seus territórios em Israel diminuírem, tornando-se politicamente fraca e submissa aos arameus de Damasco. Então, Israel renunciou a uma posição de protagonista no Levante para ser, diante da submissão aos arameus, coadjuvante político.

A ação de Jeú marcou claramente o fim do período de prosperidade que caracterizou o reinado de Acab. A partir de então, Israel viu-se na sombra de Damasco, em um equilíbrio mais igualitário de poder. Além disso, os israelitas que apoiaram Jeú internamente obtiveram poucos benefícios com o novo governo, o que se revelou um ponto negativo para Jeú e seus seguidores. A revolta de Jeú lançou o reino de Israel em uma profunda guerra civil, que causou significativos danos e prejuízos a um reino que já enfrentava dificuldades depois da morte de Acab. Internacionalmente, ao contrário dos omridas, Jeú não conseguiu expandir o território de Israel, evidenciando a difícil situação enfrentada nos primeiros dias da nova dinastia.

Outro indicativo do enfraquecimento de Israel sob Jeú é registrado no Monólito de Kurkh, do rei assírio Salmanaser III. Após uma campanha fracassada em 853 AEC, Salmanaser III retornou ao Levante em três ocasiões subsequentes: 849, 848 e 845 AEC. Diante da presença assíria, o rei Jeú se tornou vassalo, conforme retratado em uma imagem no monólito, onde Jeú se prostra oferecendo tributos ao rei Salmanaser III. Além da representação visual, o Monólito de Kurkh inclui a seguinte inscrição referente a Jeú: "O tributo de Jeú, filho de Omri; recebi dele prata, ouro, uma tigela de ouro, um vaso de ouro com fundo de pontas, copos de ouro, baldes de ouro e uma equipe para um rei" (Souza, 2016, p.13). Apesar de ter sido Jeú o responsável pela deposição dos omridas, os assírios se referiram a Jeú como “filho de Omri” por conta da grande fama que a dinastia omrida comportava no cenário internacional levantino. Percebemos que o mesmo soberano assírio, combatido por Acab, foi reverenciado por Jeú. Isso demonstra a mudança de rumo vivenciada por Israel nos primeiros anos da dinastia nimshida: “E enquanto Jeú, o rebelde, é retratado na Bíblia como instrumento de Deus para destruir a idolatria de Israel, o famoso ‘obelisco negro’ de Salmanasar mostra-o se curvando até o chão, aos pés do grande rei assírio” (Finkelstein; Silberman, 2001, p.188).

Apesar de se submeter aos assírios, a presença mesopotâmica no Levante durante os dias de Jeú foi efêmera, o que abriu grande espaço para a atuação de Hazael e dos arameus e isso deixou em maior evidência a submissão de Israel aos arameus que aos assírios. Ademais, a submissão nimshida para com os arameus continuou mesmo depois da morte de Jeú em 814 AEC. O filho de Jeú, Joacaz, que o sucedeu no trono de Israel, também se submeteu aos arameus (2 Reis 13,3). Essa situação muda em 796 AEC, quando Hazael morreu e seu filho Haddad III sobiu ao trono e o reino arameu começou a apresentar desgastes internos (Bolen, 2002). Nesse momento, o rei de Israel era Joás, neto de Jeú, e ele soube aproveitar-se do desgaste arameu para retomar a submissão com os assírios, num momento em que a presença deles no Levante era mais evidente com o soberano assírio Adadnarari III

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

Com o fim do jugo arameu sobre Israel e a submissão voluntária de Joás, Israel não apenas se recuperou, mas também retomou seu status de potência regional no Levante, similar aos dias da dinastia omrida. Isso ficou manifesto durante o reinado de Joás, quando Israel atacou o reino de Judá (2 Reis 14,25-27) e o próprio reino dos arameus (2 Reis 13,22-25), recuperando cidades que outrora pertenciam ao reino de Israel. Após anos de submissão, os israelitas reconquistaram o protagonismo no Levante e alcançaram prosperidade interna, graças ao fim da dominação arameia e ao apoio assírio: “enquanto a Assíria mantivesse uma forte presença no Oeste, seus leais vassalos [entre eles Israel] colheram os benefícios de uma estabilização renovada” (Arnold; Williamson, 2005, p. 466, tradução nossa)²⁹. A semente desse protagonismo foi plantada por Joás, mas floresceu plenamente durante o reinado de Jeroboão II, que conseguiu restabelecer Israel como um reino poderoso.

3.3. Jeroboão II

Jeroboão II (793 a 753 AEC) foi o monarca mais longevo na história de Israel. Ele ocupou o trono israelita por 40 anos e seu reinado foi muito próspero. Após um longo período de submissão aos arameus, Jeroboão II começou a governar em um momento favorável, permitindo que Israel voltasse a prosperar. Esse período foi o de maior prosperidade já vivida por Israel, superando até mesmo a dos omridas. Embora a referência bíblica ao reinado de Jeroboão II seja modesta (2 Reis 14,23-29) em comparação à grandiosidade de seus feitos, o autor deuteronomista não pôde deixar de mencionar a significativa expansão territorial realizada por Jeroboão II: “avaliações típicas do reinado de Jeroboão extrapolam essa nota de expansão do norte para incluir glória, riqueza e prosperidade sem precedentes para a nação de Israel” (Bolen, 2002, p. 3, tradução nossa)³⁰.

Jeroboão II conseguiu restabelecer as antigas fronteiras de Israel, seguindo os passos de seu pai, Joás, que tentou reconfigurar o reino de Israel conquistando territórios anteriormente sob domínio arameu. No âmbito econômico, Israel começou a lucrar com a produção de azeite e vinho, como evidenciado pelos óstracos de Samaria descobertos em 1910. Jeroboão II incentivou o assentamento nas regiões montanhosas de Israel, que eram ideais para a produção desses produtos. Essas mercadorias eram transportadas para a Assíria e comercializadas com o Egito (Finkelstein; Silberman, 2003). Ademais, Jeroboão II contava com o controle da rota comercial desértica que se localizava na região de Dha el-Ghazza. Através dela, o Reino de Israel tinha acesso a portos no mar Mediterrâneo.

Israel, nos dias de Jeroboão II, também se caracteriza pela produção e treinamento de cavalos especializados: “[os cavalos] vendidos para a Assíria e outros reinos do Norte [...] a indústria de cavalos foi provavelmente um dos empreendimentos econômicos mais importantes de Israel no século VIII AEC” (Finkelstein, 2016, p.164). Israel também possuía uma robusta indústria de produção de bigas, frequentemente vendidas em conjunto com cavalos, o que proporcionava considerável lucro econômico para sua economia. O reino de Israel também

²⁹ “While Assyria maintained a strong presence in the West, its loyal vassals [including Israel] reaped the benefits of renewed stability”.

³⁰ Typical assessments of Jeroboam's reign go beyond this note of northern expansion to include unprecedented glory, wealth, and prosperity for the nation of Israel”.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

contava com uma população significativa, o que permitia ao governo central mobilizar mão de obra para diversas atividades econômicas e administrativas. Somado a isso, no século VIII AEC, Israel conseguiu controlar o comércio árabe, anteriormente dominado por Gate, graças à intervenção assíria e à destruição de Gate por Hazael. Evidências arqueológicas, especialmente as descobertas em Kuntillet ‘Ajrud, confirmam a presença israelita em Dar el-Ghazza, onde inscrições mencionam um “YHWH de Samaria”. Isso indica que Israel dominava o comércio na região, resultando em grande riqueza para o reino.

Embora nominalmente Israel estivesse subjugado aos assírios, estes permitiram a prosperidade israelita e até lucraram com ela. O desenvolvimento da indústria de azeite, vinho e cavalos em Israel foi benéfico para a economia assíria, que podia revender esses produtos. Ao contrário da submissão aos arameus, onde Israel não obtinha lucro algum, sob os assírios os arameus perderam consideravelmente sua influência e viram nos assírios uma oportunidade de reintegrar-se ao mercado internacional, recuperando seu protagonismo.

Dada a prosperidade experimentada em Israel durante o reinado de Jeroboão II, a produção escrita floresceu, o que possibilitou a escrita de alguns textos que hoje se encontram na Bíblia Hebraica, como o núcleo do ciclo de Jacó e do Êxodo e as tradições positivas sobre Saul. É correto dizer que o desenvolvimento da escrita em Israel durante o reinado de Jeroboão II levou em conta as tradições israelitas locais: “A propagação da escrita facilitou a compilação de textos mais antigos no Norte, os quais mais tarde encontraram caminho para Judá e para a Bíblia Hebraica. Esses primeiros textos do Norte são de natureza local” (Finkelstein, 2016, p. 170, tradução nossa)³¹. Uma mostra extrabíblica desse desenvolvimento são os já citados os óstracos de Samaria, que demonstram o avanço da escrita em Israel no século VIII AEC

É provável que tradições israelitas, como o ciclo de Jacó e a tradição do Êxodo, tenham sido registradas pela primeira vez nesse período histórico. No entanto, essas tradições, especialmente a do Êxodo, foram utilizadas durante este período para enaltecer o reinado de Jeroboão II e destacar a prosperidade da época: “A tradição do Êxodo-Deserto encaixava-se muito bem como propaganda da monarquia, sobretudo, no século VIII. O reinado de Jeroboão II certamente podia se “beneficiar” de uma memória que afirmava a soberania política e apontava para tempos de paz e prosperidade” (Toseli, 2016, p.112). Tais tradições tinham um objetivo político muito bem delimitado num momento em que o reino de Israel não só prosperava, mas também queria construir uma imagem positiva sobre si mesmo através das tradições autóctones israelitas. É interessante observar que Jeroboão II usou de tradições já conhecidas internamente para se legitimar.

Porém, a prosperidade experimentada em Israel nos dias de Jeroboão II era mais evidente nos grupos sociais mais elevados da sociedade israelita. Os mais pobres não gozaram de tal prosperidade, ficando à margem da sociedade. Diante disso, surgiram profetas, sobretudo Oséias e Amós, que criticaram o poder de Jeroboão II e sua opulência. Os profetas se constituíram como os principais antagonistas de Jeroboão II, visto que ele era o principal alvo de suas críticas proféticas.

³¹ “This tradition must have held special significance in the days of Jeroboam II, as it deals with the rise of his own dynasty, the Omrides, who ruled Israel for a century — half of its existence”.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

Na próxima seção, discutiremos como a tradição sobre o início da dinastia nimshida foi escrita com o propósito de legitimar e fortalecer a dinastia nimshida durante o reinado de Jeroboão II. Na antiguidade, era comum uma tentativa intensa de glorificar os fundadores de dinastias e seus feitos, pois, os elevando, também se exaltavam os membros subsequentes daquela dinastia. Isso parece ser evidente no caso de Jeroboão II, que buscou exaltar Jeú como escolhido e ungido por YHWH, e o movimento golpista associado a ele, descrito em 2 Reis 9,1-13, como sendo não influenciado por motivos humanos, mas como expressão do desejo divino de depor os omridas e iniciar uma nova dinastia.

4. Composição e usos políticos de 2 Reis 9, 1-13

Durante o reinado de Jeroboão II, houve um significativo florescimento da atividade literária em Israel, o que facilitou a escrita de várias tradições do norte. Entre essas tradições, destaca-se a narrativa da ascensão da dinastia nimshida em Israel, especialmente focada na unção de Jeú. A dinastia nimshida não apenas governou durante o reinado de Jeroboão II, mas também deteve o poder por um período prolongado em Israel, tornando a narrativa de sua ascensão de grande importância ideológica: “Esta tradição deve ter tido uma importância especial nos dias de Jeroboão II, uma vez que trata do surgimento de sua própria dinastia, os Nimshidas, que governaram Israel por um século — metade de sua existência” (Finkelstein, 2021, p. 338, tradução nossa)³².

A ascensão nimshida foi marcada não apenas pela deposição de Jorão, mas também por um massacre que dizimou os omridas em Israel durante a instalação da nova dinastia. Os membros dessa nova dinastia eram originários do vale de Jezreel, ao contrário dos omridas, que tinham sua origem em Samaria. Essa diferença geográfica pode ter influenciado “críticas e acusações, especialmente na área de Samaria, sobre a maneira como [os nimshidas] chegaram ao poder” (Finkelstein, 2021, p.338). Em razão disso, é provável que em Israel nos dias de Jeroboão II ainda existissem grupos que, de certa forma, admiravam os omridas, pois Israel viveu um grande momento de prosperidade durante o governo deles. Por isso, esses grupos poderiam criticar a legitimidade da dinastia nimshida, argumentando que ela se originou de um golpe apoiado por influências estrangeiras.

Nessa perspectiva, muitos especialistas trabalham com a hipótese de que a narrativa de 2 Reis 9,1-13 foi originalmente escrita nos dias de Jeroboão II, constituindo-se assim como uma proza narrativa propagandística: “A data mais provável de composição deve, portanto, ser considerada o longo e presumivelmente (pelo menos inicialmente) próspero reinado de Jeroboão II, o quarto rei da dinastia de Jeú.” (Robker, 2012, p. 65-66, tradução nossa)³³ 2 Reis 9,1-13 serviu para reafirmar a legitimidade nimshida, que teria sido estabelecida não pela ação e vontade humana, mas pela vontade expressa de YHWH de alterar os rumos dinásticos de Israel, depondo os seguidores de Baal omridas e exaltando o devoto de YHWH, Jeú.

³² “Criticisms and accusations, especially in the area of Samaria, regarding the manner in which [the nimshides] came to power”.

³³ “Therefore, the most likely date of composition should be considered during the long and presumably (at least initially) prosperous reign of Jeroboam II, the fourth king of the dynasty of Jehu”.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

Na antiguidade era comum a prática de exaltação de um fundador dinástico como um homem repleto de virtudes positivas e próximo da divindade. 2 Reis 9, 1-13 tenta justamente construir essa imagem de Jeú como um homem virtuoso, que não buscava reinar, mas foi escolhido arbitrariamente pelo desejo de YHWH. Assim, mesmo que as consequências de suas ações em Israel tenham levado à morte de várias pessoas, tudo isso é apresentado como tendo a chancela divina, o que confere à dinastia e ao seu movimento a legitimidade necessária para governar, fundamentada na vontade de YHWH.

A religião de Israel e sua fé em YHWH desempenhou um papel central no processo de legitimação política da dinastia nimshida, pois foi essa dinastia a responsável pelo estabelecimento definitivo de YHWH como o deus tutelar de Israel. Durante o reinado dos omridas, embora a adoração a YHWH já estivesse presente em Israel, havia um favorecimento oficial ao culto a Baal: “O golpe de Jeú impõe definitivamente Yhwh como o deus nacional e deus titular da realeza” (Römer, 2016, p.119). A figura de YHWH, imposta por Jeú e fortalecida por Jeroboão II- com o intuito de reforçar ainda mais o poder central-, serviu como base divina para os nimshidas. Se coube à dinastia nimshida o fortalecimento do culto a YHWH em Israel, a figura divina também serviu para consolidar a dinastia e suas ambições, por isso a figura de Jeú foi desenhada como um unguido de YHWH, agindo estritamente de acordo com suas ordens.

Conforme o filósofo político italiano Norberto Bobbio, existem basicamente três meios pelos quais o poder se fundamenta e se legitima: “a Vontade, a Natureza e a História” (Bobbio, 2007, p.89). Em nossa análise, abordaremos a legitimação por meio da vontade. Bobbio argumenta que o poder procura sua legitimidade ao se basear em algo superior, como a vontade do povo ou divina. No contexto do reinado de Jeroboão II, a legitimidade fundamentada na vontade divina era particularmente eficaz, visto que a tentativa de construir uma imagem positiva sobre sua própria dinastia passava por demonstrar que ela estava de acordo com YHWH. Seguindo tal linha, a existência e o reinado nimshida teriam origem no desejo da divindade que ungiu Jeú na primeira pessoa e guiou todos os seus passos.

Seguindo essa premissa, podemos caracterizar o gênero literário de 2 Reis 9, 1-13 como apologético, pois há uma clara defesa e elogio das ações de Jeú. Não há críticas direcionadas a Jeú, e ele é apresentado como um monarca exemplar, um dos poucos, ao lado de Davi e Saul, que recebeu a unção real para governar seu reino. 2 Reis 9, 1-13 deve ser entendido como uma obra de literatura de propaganda de Jeroboão II e de sua casa dinástica de origem. Certamente, havia antes de Jeroboão II uma tradição referente a chegada dos nimshidas ao poder e a forma como eles derrubaram os omridas. Porém, com Jeroboão II, essa tradição é potencializada visando se converter em um texto apologético e propagandístico a Jeroboão e a dinastia nimshida.: “sugiro que o texto seja compreendido como uma espécie de propaganda composta no reinado de Jeroboão II para contrariar a oposição crescente à sua dinastia e às suas práticas [...] Essa função sugere um ambiente entre a nobreza ou as classes altas de Israel” (Robker, 2012, p. 68, tradução nossa)³⁴. Com base nessas considerações, percebemos que YHWH, uma divindade já adorada em Israel durante o período omrida, embora não tenha ocupado tanto destaque devido ao culto a Baal, gradualmente assumiu uma posição de protagonismo sob os

³⁴ “I suggest that the text be understood as a kind of propaganda composed during the reign of Jeroboam II to counter the growing opposition to his dynasty and its practices [...] This function suggests an environment among the nobility or the upper classes of Israel”.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

nimshidas. Ele foi utilizado como um dos principais agentes de legitimação do poder nimshida, sendo considerado o responsável pelas ações de Jeú. Dessa forma, estabeleceu-se uma conexão positiva entre os nimshidas, especialmente Jeú, e YHWH, onde um era visto como base de apoio para o outro.

Os nimshidas foram de fato a última grande dinastia a governar Israel. Após a queda do rei Zacarias, filho de Jeroboão II, Israel entrou em um período de decadência que culminou em sua queda política em 722 AEC. No entanto, alguns refugiados israelitas fugiram para Judá, onde certas tradições israelitas foram incorporadas pela literatura judaíta, especialmente na historiografia deuteronomista, mas agora sob uma perspectiva judaíta.

É provável que as tradições israelitas que chegaram a Judá ainda tivessem uma visão positiva em relação aos nimshidas, pois não houve tempo em Israel para o surgimento de uma outra dinastia que os denegrisse, como aconteceu com os omridas. Entre os reis dos israelitas, Jeú foi especialmente valorizado por depor os omridas e erradicado o culto a Baal em Israel. Apesar das críticas que surgiram contra ele no final de seu reinado³⁵, é correto considerarmos Jeú como o melhor rei, na perspectiva deuteronomista, de Israel: “A narrativa de sua unção profética e eleição divina é repetida pelo Dtr para enfatizar sua legitimidade para governar. Enquanto a violência de Jeú está incluída no texto e até narrada em detalhes, não é condenada; ao contrário, o Dtr a descreve como obediência zelosa aos mandamentos de YHWH” (Lamb, 2007, p. 138, tradução nossa)³⁶. Isso se deu graças a uma clara influência nimshida na historiografia deuteronomista josiânica do século VII AEC, que conservou em sua narrativa o ponto de vista apologético e propagandístico de Jeroboão II em relação a Jeú³⁷.

³⁵ No final da descrição deuteronomista do reinado de Jeú, é feita uma crítica a ele (1 Reis 10,31): וַיְהִי וְלֹא שָׁמַר לְלֶכֶת / בתורת יהונה אלהי ישראל בכל לבבו לא סר מעל חטאות רבבם אשר הקטיא את ישראל: Mas Jeú não guardou de caminhar em lei de YHWH, deus de Israel, em todo seu coração, e não apartou-se de junto da transgressões de Jeroboão, que faz transgredir a Israel. Para o deuteronomista que escreveu no século VII AEC, no contexto da reforma josiânica, o local legítimo de adoração era Jerusalém e todo culto prestado a YHWH em outros lugares, sobretudo Betel, era considerado heterodoxo. Jeú foi julgado por não ter se desviado da transgressão de Jeroboão, ou seja, do culto praticado em Betel. Essa condenação é anacrônica, visto que nos dias de Jeú, não havia historiografia deuteronomista, tão pouco a ideia de culto unívoco em Jerusalém. Porém, o que percebemos é que essa condenação é mínima, diante da visão extremamente positiva e piedosa que o deuteronomista conservou sobre a figura de Jeú.

³⁶ “The narrative of his prophetic anointing and divine election is repeated by the Deuteronomistic Historian to emphasize his legitimacy to rule. While Jezebel's violence is included in the text and even narrated in detail, it is not condemned; instead, the Deuteronomistic Historian describes it as zealous obedience to the commandments of YHWH”.

³⁷ A tradição de Jeú era conhecida em Israel no século VIII AEC e celebrada pelos círculos oficiais do reino. Porém, como dissemos, os profetas, sobretudo Oséias e Amós, se constituíram como vozes contrárias ao governo e à sua opulência. A partir disso, Oséias usou a tradição de Jeú, do sangue derramado por ele em seu golpe, para bradar contra Jeroboão e sua casa dinástica (Os 1,4): וַיֹּאמֶר יְהוָה אֱלֹהֵי קִרְיַת שֶׁמֶן יִזְרְעֵאל כִּי-עוֹד מֵעַט וּפְקַדְתִּי אֶת-דְּמֵי יִזְרְעֵאל עַל-בַּיִת / E disse YHWH: sobre ele nomeie seu nome [de] Jizreel, pois logo pouco e visitarei os sangues de Jezrael sobre a casa de Jeú e farei por fim [o] reino da casa de Israel. Diferente do deuteronomista, que buscou meios de justificar a violência efetuada por Jeú através da profecia de Elias e do jovem profeta, Oséias usou essa mesma tradição como forma de condenação à casa de Jeú. Isso mostra que uma mesma tradição pode ser usada pelo poder político central e pelos grupos de resistência e oposição, que darão um significado negativo àquilo que está sendo celebrado, caracterizando o discurso simbólico como ambíguo.

Considerações finais

Compreendemos que todos os textos bíblicos devem ser entendidos dentro de seu contexto original de formação, pois isso nos permite compreender os objetivos históricos e teológicos que levaram os redatores a escrevê-los. Com base nesse princípio, este estudo se propôs a investigar como 2 Reis 9,1-13, que relata a unção de Jeú como rei de Israel, serviu como uma ferramenta legitimadora para a dinastia nimshida e suas ambições durante o reinado de Jeroboão II. Entendemos que a forma extremamente positiva como Jeú é retratado neste texto sugere que originalmente ele foi concebido como uma narrativa propagandística, profundamente associada à figura de YHWH, construindo uma imagem positiva de Jeú e da dinastia nimshida.

Nossa análise textual e tradução destacaram que 2 Reis 9,1-13 busca apresentar Jeú como um governante exemplar. Sua ascensão não foi um ato de vontade pessoal, mas um cumprimento da vontade de YHWH, manifestada por meio de Eliseu e do jovem profeta, evidenciada pela unção régia recebida por Jeú. Jeú é um dos poucos reis na Bíblia Hebraica a ser ungido, destacando sua singularidade. Sua missão não era apenas reinar, mas também servir como instrumento de YHWH para punir os omridas, especialmente a família de Acab, que ainda governava Israel. Portanto, todas as suas ações violentas são legitimadas como parte do plano divino. A perícopesa visa transmitir que Jeú seria responsável por inaugurar uma nova era em Israel, na qual o legado omrida e o culto a Baal seriam esquecidos.

No entanto, ao compararmos essa narrativa com a análise histórica do golpe de Jeú, percebemos uma visão parcial dos eventos históricos que levaram à sua ascensão. Jeú liderou um movimento político contra os omridas em um período em que eles já estavam enfraquecidos, em grande parte devido à pressão do rei Hazael de Damasco. Jeú contou com apoio interno de grupos insatisfeitos com os omridas, mas seu principal suporte foi externo, possivelmente do rei Hazael, que viu em Jeú uma oportunidade para enfraquecer seus rivais. Sob Jeú, Israel se tornou submisso aos arameus, perdendo territórios significativos, uma condição que persistiu até Jeroboão II, responsável por restaurar a força e influência de Israel.

No contexto do reinado de Jeroboão II, a memória da ascensão de Jeú foi utilizada como propaganda pelo poder central para exaltar os nimshidas em Israel, especialmente durante períodos de prosperidade e euforia. A construção narrativa de 2 Reis 9,1-13, que retrata Jeú como piedoso, obediente, ungido e amado por YHWH, é um dispositivo político e narrativo para elevar o status simbólico da dinastia de Jeú. Essa narrativa foi fundamentada em motivações políticas e teológicas, visando silenciar críticas à legitimidade dos nimshidas ao estabelecer uma conexão explícita entre YHWH e Jeú.

Concluimos, portanto, que mesmo após o declínio da dinastia nimshida durante o reinado de Zacarias, a construção ideológica positiva em torno de Jeú persistiu na historiografia deuteronomista. Jeú é reverenciado como um dos reis mais destacados de Israel, apesar das contradições históricas e políticas que sua ascensão apresenta. A tradição de Jeú, como mostrado em 2 Reis 9,1-13, é um exemplo de como certas narrativas reais silenciam aspectos controversos para glorificar outros que servem aos interesses do grupo político dominante. Essa construção foi crucial para a legitimidade dos nimshidas e para reforçar seu papel como instrumentos da vontade divina em Israel.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

Referências

ARNOLD, Bill T.; WILLIAMSON, Hugh G. M. (Eds.). *Dictionary of the Old Testament: Historical Books*. Westmont: InterVarsity Press, 2005.

AULD, A. Graeme. **I & II Samuel**: a commentary. Westminster John Knox Press, 2012.

BEAL, Lissa M. Wray; LISSA, M. **The Deuteronomist's prophet**: narrative control of approval and disapproval in the story of Jehu (2 Kings 9 and 10). T&T Clark International, 2005.

BIBLIA Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade**: para uma teoria geral da política. 14ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2007.³⁸

BOLEN, Todd. **The Reign of Jeroboam II**: A Historical and Archeological Interpretation. 2002. Thesis (Master of Theology) – The Master's Seminary, The Master's University, Sun Valley, 2002.

BRUEGGEMANN, Walter. **1 and 2 Kings**: A Commentary. Georgia: Smyth & Helwys Publishing, 2000.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado**. São Paulo: Editora Hagnos, v. 1, p. 4143-4144, 2001.

FINKELSTEIN, Israel. **Essays on Biblical Historiography**: From Jeroboam II to John Hyrcanus. *Forschungen zum Alten Testament* 148. Tübingen: Mohr Siebeck, 2021.

FINKELSTEIN, Israel. **O Reino esquecido**: Arqueologia e História de Israel Norte. São Paulo: Paulus, 2015.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. São Paulo: A Girafa, 2003.

FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. São Paulo: Paulus, 2015.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*.

HOBBS, T. Raymond. *1 and 2 Kings*. Zondervan Academic, 2020.

KAEFER, José Ademar; DIETRICH, Luiz José. A consolidação dos reinos de Israel Norte e Judá. In: NAKANOSE, Shigeyuki; DIETRICH, Luis José; KAEFER, José Ademar; MARQUES, Maria Antônia; FRIZZO, Antônio Carlos. **Uma História de Israel**: Leitura Crítica da Bíblia e Arqueologia. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2022, p. 115-153.

LAMB, David T. **Righteous Jehu and His Evil Heirs**: the Deuteronomist's Negative Perspective on Dynastic Succession. Oxford: Oxford University Press, 2007.

“Assim disse YHWH: Eu ungi-te para rei sobre Israel” (2 Reis 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Reis 9,1-13) como ferramenta legitimadora das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII AEC

LIVERANI, Mário. **Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia**. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

LIVERANI, Mário. **Para além da Bíblia: história antiga de Israel**. São Paulo: Paulus, 2008.

LONG, Burke O. **2 Kings**. Wm. B. Eerdmans Publishing, 1991.

MENDONÇA, Elcio V. S. **A Dinastia Omrida: Reconstrução do Primeiro Estado Independente de Israel a partir da Bíblia e da Arqueologia**. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

MONSON, John M.; PROVAN, Iain. **1 and 2 Kings**. Zondervan Academic, 2016.

NELSON, Richard D. **First and Second Kings: Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching**. Westminster John Knox Press, 2012.

RENDSBURG, Gary A. **Israelian Hebrew in the Book of Kings**. Bethesda, MD: CDL Press, 2002.

ROBKER, Jonathan Miles. **The Jehu Revolution: A royal tradition of the Northern Kingdom and its ramifications**. Walter de Gruyter, 2012.

RÖMER, Thomas. **A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome**. São Paulo: Paulus, 2016.

SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário Bíblico Hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1997.

SMITH, Duane E. "Pisser against a Wall": An Echo of Divination in Biblical Hebrew. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 72, n. 4, p. 699-717, 2010.

SOUZA, Bruno Cavalcante de. **A “revolta” de Jeú e a Estela de Dã: um Estudo Em 2 Reis 10,28-36**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016.

SWEENEY, Marvin A. **I & II Kings: a commentary**. Presbyterian Publishing Corp, 2012.

TOSELI, Cecília. **O Êxodo como tradição fundante de Israel Norte a partir de 1 Reis 12,26-32**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016.

WEISMAN, Zeev. **Anointing as a Motif in the Making of the Charismatic King**. *Biblica*, v. 57, n. 3, p. 378-398, 1976.

Recebido em 17/07/2024

Aceito em 04/12/2024